

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

CLÁUDIA ROCHA DAVID

Etnografia da Infância e vida em Comunidade:
Brincar e Aprender

Porto Alegre

2015

CLÁUDIA ROCHA DAVID

Etnografia da Infância e vida em Comunidade:

Brincar e aprender

Porto Alegre, 2015.

Monografia apresentada como
requisito para obtenção de título de
Bacharel em Ciências Sociais

Orientadora: Prof.^a Dra. Denise Fagundes Jardim

Dedicatória

Com respeito a todas as crianças do planeta, dedico este Trabalho de Conclusão de Curso aos o-madê da Comunidade Morada da Paz, mesmo aqueles que estão no ventre de suas mães ainda. É muito bom brincar com vocês sempre. Amor profundo e muita gratidão.

Agradecimentos

Em primeiro lugar aos meus pais espirituais – Mãe Preta e Seu Sete (entidades de muita luz e verdade) por me auxiliarem a estar no meu BONGAR – caminho espiritual.

A minha mãe biológica Iara que sempre acreditou que o estudo é um caminho importante para nós.

A Comunidade Morada da Paz pelo amor, partilha , compreensão, zelo e cuidado sempre para que tudo isso se realizasse.

A Irmandade por compartilharem nas minhas escutas e consultas.

A minha amada irmã, mãe e amiga Yashodhan pelos movimentos de olho no olho de verdade e acolhimento nos meus momentos de loucura total.

A todas as minhas queridas e dedicadas irmãs Yabace, Elemosò, Olupejé, Alakoto, Akogun que se debruçaram sobre os Brinquedos COMPAZ e o nascer do Memorial do Brincar e meu irmão que sempre guarda nossos caminhos de ir e vir BaOgan por acreditarem que isso é possível e que a construção coletiva é muito mais forte quando esse amor é presente.

A minha querida Flávia – irmã espiritual e biológica pela revisão do português e confiança, meu amor e respeito.

A orientadora Professora Dra. Denise Fagundes Jardim pela confiança, respeito e verdade, minha gratidão e respeito.

E por fim, gratidão a todos e todas que de alguma forma acreditaram e auxiliaram nesse processo de construção.

Asè

RESUMO

Este trabalho tem a função antropológica de dialogar sobre a Criança, a vida em comunidade, suas relações e interações com o brincar e os aprendizados adquiridos. Tendo como um ponto fundamental ver a possibilidade de mais novos e mais velhos interagirem nas brincadeiras dentro de todas as atividades internas e externas que a Comunidade Morada da Paz tem enquanto Ponto de Cultura da Infância – OMORODÊ. E a partir deste movimento em que o brincar é importante para a comunidade e as crianças são o centro, abre-se as reflexões de como isso é possível e toda a trajetória desse brincar e o envolvimento de todos os mais velhos quando surge a ideia da construção dos brinquedos COMPAZ e do Memorial do Brincar como resultado tecido junto deste Trabalho em que o coletivo demonstra a sua unidade no fazer juntos.

Palavras-chave: criança, vida em comunidade, brincar, aprendizado, interação.

Abstract

This work has the anthropological function of dialogue about the child, the community life, their relationships and interactions with the play and the learnings gained. Having as a fundamental point view the possibility of younger and older interact in games in all internal and external activities that Address Community of Peace have while culture Point of childhood – OMORODÊ. And from this movement in which the play is importante to the community and the children are the Center, opens the reflections of how this is possible and the whole trajectory of this play and the involvement of all the elders when the idea of the construction of the Memorial and COMPAZ toys play as a result of this work on woven together that the collective demonstrates its unity in doing together.

Keywords: child, community life, playing, learning, interaction

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Valores Civilizatórios Afro-brasileiros -A Cor da Cultura

Figura 2- Momento na Colônia de Férias Curumim O-madê de Capoeira com as crianças e adultos

Figura 3- Oficina de Maracatu sendo ensinada por Francisco, um dos odomodê mais velhos

Figura 4- Momento na Colônia de Férias – o abraço, que forma uma roda afetiva

Figura 5- A Comunidade Morada da Paz e a recuperação da linguagem ancestral

Figura 6- Momento na Horta de Todos Nós com BaOgan e as crianças

Figura 7- Momento precioso na roda de conversa com Yabace

Figura 8- Momento de Interação com a plantação de um Baobá-árvore sagrada para o povo negro

Figura 9- Crianças brincando de jogar stop

Figura 10- Momento de adultos e crianças interagirem para a construção de um forno de barro

Figura 11- Íyalase Yashodhan preparando a terra para que todos possam plantar o Baobá

Figura 12- Oficina de Abayomis – momento de exhibir as bonecas prontas

Figura 13- Brinquedos CoMPaz apresenta seu jogo de dominó produzido na Comunidade

Figura 14- Momento de expor as Abayomis após uma oficina

Figura 15- Nishtha e Mhelkior interagindo com caixa de madeira, livros, bonecas e criatividade

Figura 16- Tudo pelo Memorial do Brincar- vale pintar, inventar, criar para tudo belo ficar!

Figura 17- Adultos pintando o sete na madrugada pelo Memorial

Figura 18- Brinquedos e Jogos já se encontram no Memorial

Figura 19- Adultos e crianças pousando para mostrar os brinquedos e jogos no Memorial do Brincar

Figura 20- E aí está o Memorial do Brincar

Figura 21- O diálogo em volta da Ciranda da Fogueira

Figura 22-Yabace e suas delícias do TASA num momento do café da manhã na Colônia de Férias

Figura 23- Encontro da Rede de Eco educadores na Casa de Cultura Mário Quintana em POA/RS

Figura 24- Pedro ensinando a fazer uma canoa com garrafas pet, para enfeitar ainda mais os banhos de açude na Colônia de Férias

Figura 25- Oficina de Máscaras – Colônia de Férias

SUMÁRIO

Introdução.....	10
CAPÍTULO 1-A importância do Brincar.....	12
1.1-O encontro com o tema.....	13
1.2-Das entranhas às estranhas-Campo de Pesquisa.....	14
1.3-A importância do Brincar.....	16
1.4-A história dos brinquedos.....	18
1.5-Dilemas Conceituais.....	20
1.5.1-Infância ou criança.....	20
1.5.2-Quem é a Comunidade Morada da Paz?.....	23
1.5.3-Brincar e aprender.....	24
1.5.4-O lúdico e o extraescolar.....	29
CAPÍTULO 2-Comunidade.....	35
2.1.Comum-unidade.....	35
2.2-O brincar e as formas de viver em comunidade.....	37
2.3-Construções de Brinquedos.....	38
2.4-A Roda de Conversa.....	39
CAPÍTULO 3- Os encantamentos.....	43
3.1-Crianças nas relações de aprendizado.....	43
3.2-Os “mais novos ”-o-madê vistos pelos “mais velhos”.....	44
3.3-Os “mais velhos ”-babas e Yas sob o olhar dos “mais novos”.....	49
Considerações Finais.....	61
Referências Bibliográficas.....	64
Anexos.....	66

Introdução

Este trabalho pretende contribuir com processos reflexivos para a importância do Brincar dentro de uma Comunidade aonde o “fazer junto” está presente como um vetor essencial das pessoas que ali vivem, demonstrando sua singularidade e experiência nessa trajetória lúdica como um valor comum para todos.

Realizo esse trabalho em uma comunidade autorreconhecida quilombola com características singulares que traz uma auto percepção espiritual que confere nomes próprios que são referidos a entidades junto aos nomes civis. Em 2013, foi inserida como Ponto de Cultura da Infância- OMORODÊ.

Nesse trabalho, observo as crianças como foco de atenção central da comunidade. Suas vozes, tanto quanto a dos mais velhos aparecem nessa monografia no sentido de enunciar a forte relação intergeracional que dinamiza o ato de brincar e expressa o modo de ser criança de cada um.

O caminho percorrido para a construção desse trabalho parte de uma pesquisa etnográfica e de imersão direta em campo e na qualidade de uma brincante que decide registrar e refletir sobre a singularidade desse lugar e dessas dinâmicas lúdicas.

A COMPAZ nasceu em 2003, a partir do sonho de homens e mulheres que de 1998 a 2002 estavam buscando estudar e aplicar no cotidiano princípios e valores presentes em várias tradições filosóficas e religiosas, como a solidariedade, a ética, a unidade, a determinação, assim como construir um jeito de ser e viver mais integrado à espiritualidade, à natureza e que trouxesse benefícios a todos os seres sencientes. O grupo constituído nessa época chamava-se Cosmos – Grupo Universalista de Estudos e Aplicabilidade da Mediunidade e Paranormalidade e fazia estudos e ações baseadas na literatura que trata do movimento litúrgico afro-brasileiro, budista, espírita, xamânico.

A COMPAZ está inserida na área rural do município de Triunfo/RS (Região Metropolitana de Porto Alegre), tendo 7,2 hectares de tamanho, possuindo no seu interior mata nativa, açude, pomar, animais domésticos, silvestres e a presença de 9 clãs/famílias. Atualmente residem na COMPAZ 20 pessoas, mas estamos sempre recebendo interessados (as) em intercâmbios, vivências ou peregrinações.

No capítulo 1, enfatizo a importância do Brincar aonde exponho sobre o processo já nos primeiros encontros com o tema e que expressam meu envolvimento acadêmico. Quero demonstrar aquilo que esse ser brincante quer buscar da sua história e questionar como uma comunidade negra faz de modo diferencial. Nesse caso, um intenso convívio entre pessoas mais velhas e mais novas que interagem em quase tudo dentro de um espaço de, tão somente, 7,2 hectares, em área rural, em Triunfo – RS. Como eles veem isso e como as vozes a respeito das relações referentes ao Brincar aparecem tanto dos mais velhos quanto dos mais novos?

Minha reflexão é sobre minhas vivências. Trago para a reflexão as entranhas/estranha enquanto parte do processo do campo de pesquisa; a importância do brincar como processo reflexivo/anunciativo e a história dos brinquedos como demonstração da interação das crianças com o trabalho, dilemas conceituais sobre infância ou criança, brincar e aprender, o lúdico e o extraescolar.

No capítulo 2 explicito o meu entendimento sobre o que é uma comunidade, apoiada nas propostas de Bauman (2003). O autor sugere que a vida comunitária evoca a experiência com uma coisa boa. O que quer que “comunidade” signifique, o autor enfatiza o quanto é construtivo/fundamental “ter uma comunidade”, “estar numa comunidade”.

Por que realizar estudo sobre infância numa comunidade e quem é a Comunidade Morada da Paz? Quero demonstrar como são as suas relações intracomunitárias e alguns de seus aprendizados. Esta monografia é realizada a partir desse fazer juntos, que se revelou na construção dos brinquedos COMPAZ, e nos diálogos das “Rodas de Conversa” em que, muitas vezes, a dinâmica proposta pela COMPAZ, levava a todos a se envolver em suas tomadas de decisões e esclarecimentos.

No capítulo 3 apresento os encantamentos dessas relações lúdicas e intergeracionais no processo de integração e criatividade realizada nos atos que marcam esse saber/fazer. Neles, “os mais velhos” com “os mais novos” se envolvem nos aprendizados que estão presentes na diversidade do cotidiano da Comunidade.

Nesse processo educativo extraescolar, no Cap. 3 – chamo de “encantamentos” ao envolvimento ali vivenciado em que aparece a integração, o envolvimento das gerações, em todos os processos do cotidiano COMPAZ.

Este trabalho foi iniciado no ano de 2012. Minha inserção direta é como ativista e voluntária desta metodologia. Por isso recorro às entranhas/estranhas que marcam e possibilitam a participação na comunidade e uma vontade de refletir, no ambiente acadêmico, os impactos desse “fazer juntos” de uma Comunidade. É uma forma de levar a vivência e a experiência para academia e poder versar com o outro possibilidades de ações relacionadas a ludicidade dentro da vida cotidiana do ser humano.

Neste trabalho explico um modo de vida que é coerente com as escolhas lúdicas da comunidade e com o qual podemos aprender mais sobre infância e criança.

Como fruto de um processo, compartilho nas considerações finais a construção do Memorial do Brincar suas perspectivas e desdobramentos dessa experiência que fortalecerá os laços de crianças e adultos da Comunidade Morada da Paz, ofertando como resultado de uma construção coletiva um espaço solidário e de trocas com o outro.

CAPÍTULO 1 – A importância do brincar

“Brincar eu acho que é se libertar de alguns condicionamentos, é soltar, se permitir se libertar de toda a rigidez, dos conceitos e rolar no chão e cair, correr e rir por nada, e então o brincar é um momento que nos liberta de um mundo mais objetivo e mais concreto”. (Sara Jane, moradora)

1.1. O encontro com o tema

É fundamental, ao buscarmos um tema a ser pesquisado, haver um questionamento quanto a conexão deste com nosso movimento identitário. Brincar é um processo da vida que deve ser observado, principalmente numa vida em comunidade tradicional negra, que manifesta desde a infância quanto a valores civilizatórios afro-brasileiros como a ludicidade, ou seja, o íntimo de um momento tão singular e plural ao mesmo tempo.

Considero-me uma brincante, pois é tão encantador e envolvente estar junto de o-madê (que significa criança, no dialeto africano yorubá) quanto também à oportunidade da manifestação da sua criança, que não distingue você desse momento lúdico. Apenas há uma entrega.

A escolha de um tema a ser estudado, inicia em 2012 quando comecei a pensar mais seriamente no trabalho de conclusão. As Ciências Sociais, principalmente na área de Antropologia abre sempre um leque de possibilidades a serem experimentados, especialmente por valorizar a observação direta e participativa.

Num primeiro momento, pensei em pesquisar sobre os impactos da pobreza, espiritualidade ou religião, empreendedorismo comunitário, sendo que algumas temáticas foram aproveitadas nas disciplinas em que cursava ao longo dos semestres.

O campo de pesquisa, sempre o mesmo em quase todos os trabalhos era a Comunidade Morada da Paz- autorreconhecida kilombola ecológica espiritual sustentável cultural, situada no município de Triunfo – RS desde o ano de 2002.

Quando inicio a disciplina de Projetos é que consegui pensar em algo que é muito importante na vida fluídica do ser humano que é o BRINCAR, mas não o brincar generalizado, mas sim um brincar em comunidades tradicionais negras com suas especificidades que aparecem na vida em comunidade. Nesse sentido o lúdico está tramado com os valores espirituais que produzem envolvimentos e não apenas o ato de adquirir habilidades.

Bom, é isso. Então parti para o que deste BRINCAR vai iniciar essa pesquisa e que tenha a canção antropológica da questão como: quem é o público que leria essa

monografia e experimentar ser pesquisado de dentro da comunidade, ou mesmo, como ou quem será o principal agente que norteará as observações.

Alguns dilemas surgiam ao longo do percurso do semestre. Um deles foi o eu/nós- uma autorreconhecida kilombola querendo e insistindo em pesquisar sobre as minhas entranhas que é ser pertencente/fundadora do campo de pesquisa ao qual escolhi observar participativamente das relações mais intergeracionais da comunidade.

Tive que refletir muito sobre tudo – “entranhas” (como não existe estranhamento num espaço de vivência com vivência), preciso achar bons argumentos sobre como minha colocação dentro desse processo é importante e relevante como uma estudante negra, cotista, autorreconhecida kilombola e que quer trazer uma temática que está dentro do seu jeito de ser e viver, e que, precisa ser melhor apresentada/avaliada dentro dos espaços acadêmicos, pois como diz sempre uma das Yabas da Comunidade Morada da Paz: “há portas que só se abrem por dentro”(Yashodhan, 2013).

Para que fique mais tranquilo de entender os nomes que estão escritos em outra linguagem, dialeto africano yorubá- um dos povos que vieram na diáspora para enriquecerem essa diversidade linguística que se encontra em nosso país. A Comunidade por serem também espiritual, os moradores recebem seus nomes “espirituais” aonde alguns deles autorizaram serem revelados e outros não permitiram.

Recuperando a força de nosso povo africano alguns termos que aparecem ao longo da monografia são de origem yorubá como: o-madê=criança, aye=terra, yabas=mãe ancestral, yas=mães, odomodê=jovens, abayomis=encontro precioso, gelédes=máscaras africanas.

1.2 Das entranhas às estranhas- campo de pesquisa

Acreditando nisso, que tomei a desafiadora e entranha/estranha decisão de pesquisar com afinco sobre o Brincar em comunidades tradicionais e dialogando com os membros das Comunidades ou da Comunidade **se tudo que o lúdico traz pode ser considerado elemento de constituição da memória social como fortalecimento da identidade/unidade como preservação do patrimônio cultural de um povo?**

A inserção em um campo de pesquisa exige do pesquisador um bom diálogo com os locais a serem pesquisados. Tive desde a minha inserção e mapeamento nesta temática, desafiadores encontros, iniciei em Comunidades Quilombolas de São Lourenço do Sul, Canguçu, Porto Alegre, Pelotas que na maioria das vezes estavam todos passando por processos de reestruturação dentro de seus territórios e de todos os níveis: políticos, relacionais, sociais, mas a missão de estar com essas pessoas era uma aproximação para futuros diálogos e alianças. O brincar que era o meu objetivo de ver algo que pudesse responder as minhas ânsias sobre essas relações ficaram somente com algumas imagens das crianças e dos mais velhos que se mostravam muito abertos.

Depois tive ainda com a Universidade uma atividade no Quilombo de Casca que me levou para a Educação Quilombola e as relações entre os próprios moradores. Porém, no ponto seguinte, que seria o Quilombo dos Alpes que a princípio estaria tudo certo, carta de apresentação da orientadora na mão, tudo combinado para o campo que seria mais um enriquecimento ao trabalho junto com a Comunidade Morada da Paz, ocorreu um imprevisto, algo sem muita explicação e não pude nem começar o processo de observação nesse território. Mesmo assim, insisti em dialogar novamente, mas não houve muita abertura devida há algo muito sério que ocorreu com aquelas pessoas dias antes de nosso encontro, entretanto acredito que futuramente essa aliança se fará.

Portanto, ao invés de circular por várias comunidades quilombolas, decidi que esse seria um momento de explicitar a vivência das minhas entranhas na comunidade - COMPAZ e realçar sua singularidade.

Como é possível mergulhar numa temática como o Brincar sem passar pela infância, que se apresenta no ser humano criança, e como o adulto (palavra que já se observa uma seriedade no escrever e pronunciar) se relaciona especialmente em uma comunidade negra que desde os seus antepassados e de todos os processos de escravização, buscam na singeleza da recuperação de suas raízes- o olhar no olhar do outro para que as gerações possam aprender com os mais velhos o que fortalece os laços do povo negro.

A vontade de buscar através das minhas entranhas, num jeito de ser e viver, o brincar que traz o aprendizado pela observação, pela escuta em círculos/roda onde o ver se amplifica, integrando a todos, seja nas brincadeiras, nas contações de histórias, ou até

mesmo nas preces práticas diárias em que o-madê e as yas e babas da comunidade fazem juntos, trocando saberes.

Oralidade- a fala, a palavra dita ou silenciada, ouvida ou pronunciada- ou mesmo segregada- tem uma carga de poder muito grande. Pela/na oralidade os saberes, poderes, querereres são transmitidos, compartilhados, legitimados. Se a fala é valorizada, a escuta também é. O conto, a lenda, a história, a música, o dito, o não dito, o fuxico... A palavra carrega uma grande e poderosa carga afetiva. (Valores Civilizatórios Afro-brasileiros- A Cor da Cultura)

Surpreendente foi o diálogo com os o-madê e os odomodê da Comunidade sobre a relação brincar adultos crianças - aprender, pois mesmo sendo moradora/fundadora deste campo que escolho como pesquisa não havia jamais visto com olhos de ver a cada um com mais aprofundamento. Foram nestas observações, entrevistas, filmagens, fotos que o estranhamento se apresenta como uma caixa de surpresas.

A alteridade dentro deste universo supostamente conhecido por mim, fez com que enxergasse o que é diferente para as pessoas que ali convivem diariamente e mesmo assim não sabemos o que os vários sentidos e significados de cada um trazem sobre as diversas maneiras de ensinar e despertar a consciência crítica e de recriação de um brincar que, por algum momento, é só das crianças, e em outros, de todos juntos, mais velhos com os mais novos.

O próximo tópico que quero compartilhar é sobre a importância da temática e a relação e trajetória do campo de pesquisa com o brincar.

1.3. A importância do brincar

Quero chamar atenção para a importância do Brincar como uma potência e possibilidade, como algo constitutivo de nós que potencializa os corpos e suas expressões, que aciona nossa subjetividade, nossa memória, nossa corporeidade e ludicidade como algo da nossa energia vital, que queremos expandir para todas as

idades. E com o Brincar redescobrimos a magia de estarmos conectados como numa brincadeira de roda, cantando a mesma canção.

O povo negro traz consigo valores como a ludicidade que mesmo com todos os processos de terem sido arrancados de suas terras, separados de seus entes mais próximos, não perderam essa força de entoarem seus rezos sagrados no fazer do trabalho, da construção de presentes, amuletos para que a memória não se esvaneça como as Abayomis – bonecas feitas de retalhos das barras das saias. Como no suor dos corpos na canção da vida, reconstruíam suas vidas para amenizar a dor do afastamento às vezes de si próprios.

O brincar é dado como parte de um dos valores civilizatórios afro-brasileiros-ludicidade que traz que um povo que celebra a vida não poderia jamais sobreviver às atrocidades da escravidão se não fosse capaz de cantar, dançar, brincar, sorrir. O brincar faz a vida mais alegre. (A Cor da Cultura-Modos de Interagir, pg.76)

Olhar quem brinca e por algum instante ser você o brincante, faz com que nosso momento lúdico se revele de forma natural demonstrando nosso ser social no modo de relacionar-se com o movimento.

Ao brincar, a criança não apenas expressa e comunica suas experiências, mas as reelabora, se reconhecendo como sujeito pertencente a um grupo social e a um contexto cultural, aprendendo sobre si mesma e sobre os homens e suas relações no mundo, e também sobre os significados culturais do meio em que está inserida. O brincar é, portanto, experiência de cultura, em que valores, habilidades, conhecimentos e formas de participação social são constituídos e reinventados pela ação coletiva das crianças.

Brincar é atentar para o presente. Uma criança que brinca está envolvida no que faz enquanto faz. Se brinca de médico, é médico; se brinca de montar num cavalo, é isso que ela faz. O brincar não tem nada a ver com o futuro. Brincar não é uma preparação para nada, é fazer o que se faz em total aceitação, sem considerações que neguem sua legitimidade. (Verden-Zoller, 1978 e 1982)

A brincadeira é em si mesma um fenômeno da cultura, uma vez que se configura como um conjunto de práticas, conhecimentos e artefatos construídos e acumulados

pelos sujeitos nos contextos históricos e sociais em que se inserem. Representa, dessa forma, um acervo comum sobre o qual os sujeitos desenvolvem atividades conjuntas. Além disso, o brincar é um dos pilares da constituição das culturas da infância, compreendidas como significações e formas de ação sociais específicas que estruturam as relações das crianças entre si, bem como os modos pelos quais interpretam, representam e agem sobre o mundo (Borba, 2006). Essas duas perspectivas configuram o brincar ao mesmo tempo como produto e prática cultural, ou seja, como patrimônio cultural, fruto das ações humanas transmitidas de modo inter e intrageracional, e como forma de ação que cria e transforma significados sobre o mundo. E neste próximo tópico partilho com vocês uma contribuição da infância para esse trabalho- a história dos brinquedos.

1.4. A história dos brinquedos

Bem antes das pessoas começarem a comemorar o natal, as crianças já gostavam de brincar. Mas, antigamente, não havia tantos brinquedos como hoje.

Os primeiros brinquedos são bem antigos. Há mais de 6.000 anos, os japoneses faziam bolas com fibras de bambu. No Egito e na Babilônia, foram encontrados bolinhas de gude e piões, com mais ou menos 5.000 anos. Chocalhos, bolas de couro e bonecas de pano também existem há milhares de anos. Até que havia bastante opção, se você pensar que não existiam materiais como o plástico. Muitos brinquedos duraram até hoje porque eram feitos de pedra ou metal.

Na Idade Média (que começou no ano 476 e terminou em 1453), isso mudou: outros materiais, como o vidro e o chumbo, começaram a ser usados. Brinquedos musicais que pareciam instrumentos de verdade e até jogos de guerra foram inventados nessa época: alguns reis faziam “batalhas” com soldadinhos de chumbo. Mas tudo isso era feito à mão. Levava muito tempo para alguém fazer um único brinquedo.

Só no século XIX surgiram as indústrias, que começaram a produzir de tudo em grande quantidade. Foi aí que apareceram os bichos de pelúcia e os brinquedos elétricos, como os trenzinhos. Mas eles eram um luxo que poucos podiam ter. Aqui no Brasil, as crianças quase sempre improvisavam seus brinquedos. Um galho de árvore, por exemplo, virava uma espingarda.

Os meninos índios também se divertiam: nadavam em rios, subiam em árvores, pescavam... Brincando, eles se preparavam para a vida adulta. O alçapão (uma armadilha para pegar passarinhos) é um brinquedo indígena que existe até hoje.

Foi no século XX, na década de 50, que algo mudou a história dos brinquedos para sempre: o plástico começou a ser usado. Graças a isso, surgiram cada vez mais brinquedos, de todos os tipos e a preços acessíveis. Mas o mais legal nisso tudo é que esta história não acaba aqui. Ela continua todos os dias, porque as crianças sempre vão gostar de brincar.

Esta fonte sensível foi encontrada por Samantha, uma das crianças da Comunidade Morada da Paz, que estava fazendo uma pesquisa sobre brinquedos. A fonte é a revista do SESI denominada SESINHO na página do Falando Nisso - páginas 26 e 27, ano não identificado e nem o autor da pesquisa.

Resolvi transcrever, pois foi num momento de leitura compartilhada ocorrida em 13 de dezembro de 2013, em que a mesma fez a leitura de onde havia saído às informações de sua pesquisa. Isso tudo ocorreu no momento de estudo das crianças, na salinha dos estudos da Comunidade.

Todo brinquedo tem seu mistério, tem sua magia, foi como constatei os o-madê da Comunidade Morada da Paz que criam e reinventam seus brinquedos, suas brincadeiras e elas não perdem sua originalidade, seu encanto. Oliveira (1984) traz que as crianças não trazem a seriedade junto ao brinquedo para fazerem fluir a fantasia, a imaginação como canais de expressão que externam criações e emoções trazendo enigmas da sensibilidade que nega o empirismo comum dos adultos. Mas sonham exercitando o sentido para ao despertarem, pesquisem, sintam e conheçam o mundo que envolve a infância revelando o entendimento do brinquedo. E que os brinquedos nos seus entendimentos podem criar conflitos nas relações adulto-criança. Tudo vai depender das relações e de quem são: o adulto, a criança, o ambiente, pois consegui ver a utilização dos brinquedos artesanais, criados com as sucatas demonstrando interação, respeito pelo processo inventivo que surge com porongos, galhos de árvores, restos de tecido, com o barro e assim por diante.

1.5. Dilemas conceituais:

1.5.1. Infância ou criança

Vou iniciar esse tema como um primeiro dilema conceitual que é infância e o que é a criança? Se for procurar em um dicionário o conceito de infância “é trazido como: período de crescimento no ser humano, que vai do nascimento à puberdade; e o de criança como: ser humano de pouca idade, menino ou menina; pessoa ingênua”. Fonte tirada do dicionário Aurélio.

Quando comecei a escolha do título do trabalho, coloquei-me a pensar melhor se essa Etnografia partiria da infância ou da criança. Não quero partir de uma fase da vida que é a infância, mas quero falar do ser criança que desmistifica essa infância que parece que tem que passar para que outra fase se manifeste.

Ao buscar a leitura sobre um trabalho de pesquisa intitulado Desafios na Pesquisa Etnográfica com Crianças, de Josieli Almeida de Oliveira Leite (2013), comecei a pensar que estaria iniciando com este trabalho o cuidado de enfrentar singularidades, peculiaridades e poder traduzir suas vozes dentro das suas experiências culturais relacionadas com o Brincar. A autora traz que *para pensar na infância e na criança é pensá-las, portanto, dentro de seus contextos históricos e culturais e reconhecê-las em suas relações dialéticas com o mundo. A criança constitui-se em sua unidade com o meio, em suas relações com as produções culturais, numa perspectiva de unidade ela vai se constituindo como ser humano.*

No Livro História das Crianças no Brasil, organizado por Mary Del Priore (1999) apresenta-se a história sobre a criança feita no Brasil levando-nos a olhar para traz e questionar sobre o lugar dessas crianças na sociedade brasileira, como elas saíram do anonimato para cidadãos com direitos e deveres aparentemente reconhecidos e como as transformações culturais afetaram as crianças e que existe uma enorme distância entre o mundo infantil descrito pelas organizações internacionais, pelas não governamentais ou pelas autoridades, e aquele no qual a criança encontra-se cotidianamente imersa. E o mundo que a criança deveria ser ou ter é diferente do qual ela vive ou no mais sobrevive. Mas através de um grupo de crianças, procurei observar e dialogar tanto com elas e os adultos da Comunidade Morada da Paz para ver o que está acontecendo com essas relações de interações com o Brincar.

Na leitura de Clarice Cohn (2005) sobre a Antropologia da Criança percebi que não tem como falar de Brincar sem passar pela criança que apresenta certas particularidades nesse universo lúdico do cotidiano. O foco mais específico de Cohn são as crianças indígenas, isso não difere tanto das crianças negras de comunidades tradicionais.

Clarice Cohn (2005) traz os conceitos de criança e de infância, parecem muito naturais, mas escondem inúmeras complexidades. Mostrando como as diferentes culturas lidam com a criança, relativizando a nossa compreensão. A autora também traz abordagens antropológicas sobre a criança, apontando seus limites e as contribuições que tem a oferecer como: O que é a criança? O que é ser criança? O que significa a infância? Quando ela acaba? Como vivem e pensam as crianças? Perguntas nada fácil de responder, ela acredita que as crianças estão em toda parte, todos fomos crianças, e é como se tudo já fosse sabido, como se não houvesse espaço para dúvidas. Mas não é bem assim, concordo com ela, pois se fossemos dar uma pequena ou grande volta, pessoas fariam coisas parecidas/diferentes sobre as crianças.

Com as “antenas conectadas” nesta leitura, comecei a pensar mais no Trabalho de Conclusão que é a relação do Brincar dos mais novos (as crianças) com os mais velhos (adultos jovens ou maduros), observando dentro do universo da vida em comunidade como se dá as relações e como são repassados os ensinamentos cotidianos da comunidade para as crianças.

Essa leitura me levou para mais longe, induzindo-me a pensar em tudo que a antropologia oferece como metodologia de coleta de dados e da etnografia que permite uma observação direta, das crianças e seus processos criativos, seus afazeres e uma compreensão da sua visão de mundo, dentro de uma Comunidade. Como pesquisadora, quero estar observando e participando do cotidiano da vida das pessoas dentro dos seus/meus universos, usando a escuta/oral dos mais velhos e dos mais novos.

A partir da década de 60, os antropólogos engajaram-se em um grande esforço de avaliar e rever seus conceitos numa nova antropologia da criança. Propondo conceitos centrais ao debate antropológico surge o estudo da criança de maneiras inovadoras, dentre eles o conceito de cultura, de sociedade, e de agência, ou de ação social.

Na revisão do conceito de cultura, os antropólogos sustentaram-no como algo empiricamente observável e delimitado, deixando de falar em costumes, valores ou crenças, porque os interesses estão, além disso, que não são os valores ou as crenças que são os dados culturais, mas aquilo que os conforma como um ato de comunicação. E o que os conforma é uma lógica particular, um sistema simbólico acionado pelos atores sociais a cada momento para dar sentido a suas experiências. Ele não é mensurável, portanto, nem detectável em um lugar apenas. É aquilo que faz com que as pessoas possam viver em sociedade compartilhando sentidos, porque eles são formados a partir de um mesmo sistema simbólico. Se quisermos tentar uma analogia, pensemos os valores como as palavras em uma frase, e a cultura como o sistema linguístico que permite que as pessoas articulem as palavras, as frases e as ideias de um modo que faça sentido para si e para os outros.

Nessas abordagens, as crianças são recepcionadas como seres sociais plenos que ganham legitimidade como sujeito nos estudos que são feitos sobre elas. Quero ressaltar, que com tudo isso acima exposto da autora, que não posso falar e estudar sobre o Brincar sem passar por este ser atuante que é a criança. Cohn destaca a criança e a infância, para falar de uma antropologia da criança e não da infância, acreditando que a infância é um modo particular, e não universal, de pensar a criança.

Tais percepções seguem a perspectiva do estudo histórico de Philippe Ariés sobre A Criança e a vida familiar no Antigo Regime mostra que a ideia de infância é uma construção social e histórica do Ocidente, pois ela não existe desde sempre, e o que hoje entendemos por infância foi sendo elaborado ao longo do tempo na Europa, com mudanças nas noções de paternidade e maternidade, no cotidiano, na educação escolar. Ressalta ainda que é a construção histórica do que denomina um sentimento da infância. Essa visão é de um eurocentrismo da infância que acontecia em uma construção social de uma parte do mundo, mas que reverberou para muitas “famílias” ditas como nucleares no sistema brasileiro de ver e ser a criança.

Percebo que o ato de brincar é um espiral para os aprendizados e não pode se restringir somente a espaços para crianças como se apresenta o ambiente escolar, nem fechado ao que seja extraescolar. Na Comunidade Morada da Paz tudo que ocorre à nível de eventos, oficinas contribuem para o aprendizado dos mais novos e dos mais

velhos demonstrando uma interação de todos nesse movimento de brincar e aprender constante em momentos diferenciados.

1.5.2. Quem é a Comunidade Morada da Paz?

A Comunidade Morada da Paz (COMPAZ) é uma comunidade autorreconhecida kilombola sustentável ecológica cultural espiritual fundada em 2002 no município de Triunfo/RS, em Vendinha com o objetivo de promover a sustentabilidade ambiental como caminho para uma melhor qualidade de vida. Desde então, realiza ações e projetos intergeracionais nas áreas de educação, saúde, meio ambiente, cultura de paz e cultura afro-brasileira, sendo recentemente reconhecida pela Secretaria de Cultura do Rio Grande do Sul como Ponto de Cultura Omorodê, que significa infância no dialeto africano yorubá.

Somos autorreconhecidos kilombolas sustentáveis ecológicos e espirituais porque somos predominantemente negros e compartilhamos um jeito de ser e de viver que tem uma origem ancestral e se fundamenta na identidade que construímos na relação comunitária, baseada em uma hierarquia de saberes, na espiritualidade e na conexão que estabelecemos com o solo sagrado que nos acolhe, onde a natureza e todas as divindades que a constituem são respeitadas e reverenciadas.

Estamos sempre buscando firmar novas parcerias e alianças com pessoas e instituições afinizadas com os nossos princípios e valores, independente de sua origem étnica, religiosa ou procedência. Hoje a COMPAZ participa de várias redes locais, regionais e nacionais, além de contar com uma rede de colaboradores desde a sua fundação, a Rede de Envolvimento Solidário (RESOL), tecida através de encontros promovidos em seu território, como seminários e vivências integradoras. Desde 2012 existe a Rede de Educadores COMPAZ que congrega parceiros e aliados da Comunidade que cooperam nas suas atividades ministrando oficinas nas áreas de artesanato, agroecologia, dança, matemática, literatura, português, teatro e contação de histórias.

É importante destacar alguns eventos, publicações que ocorrem na Comunidade Morada da Paz que preservam a ludicidade, ancestralidade e a espiritualidade dentro de um jeito de ser e viver que procura avançar com a força coletiva trazendo sempre crianças e adultos para partilharem as vivências como:

Colônia de Férias Curumim- O-madê – momento de extravasar a autonomia longe dos pais e vivenciando um brincar através de oficinas e muitos banhos de açude.

Ipádê da Juventude – reconhecimento das suas identidades ancestrais através da linguagem digital, tendo a oportunidade de ressignificar suas histórias.

Terreiro de Chão Batido – momento de reencontro com os povos ancestrais e suas diversidades, da força do tambor que reúne através da batida do coração para celebração da vida.

UCIRIRI- encontro que reúne a troca de tecnologias de povos tradicionais como: super-adobe, pau-a-pique, feitura do tijolo de barro e forno de barro, adobe.

Algumas publicações como: A Menina Pequena em sua missão no Cerrado(livro escrito por um o-madê e sua Ya por correspondência); A prática do Assistente Social em uma comunidade sustentável: Desafios para a sociedade contemporânea (tese de doutorado de Yashodhan) , dissertações de mestrado, monografias de Trabalhos de Conclusão aonde já incluo essa que está sendo tecida por mim e minha comunidade.

Projetos que trouxeram força para a ludicidade como: Projeto Brincando COMPAZ (recuperação de brincadeiras antigas e integração de pais/mães/filhos e filhas) , Projeto Abayomis (história, memória e identidade) e o Ponto de Cultura de OMORODÊ que reúne oficinas, redes e itinerâncias para encantar o brincar.

Entendo que uma Comunidade é um espaço além do espaço, com pessoas, saberes e fazeres, de trocas constantes, unindo forças diárias para a manutenção de um jeito de ser e viver. É exatamente o próximo ponto que trago sobre esses saberes e fazeres que resultaram de uma construção de ideias, de momentos eufóricos da criatividade que preenche momentos ricos intrageracionais como a construção dos brinquedos.

1.5.3. Brincar e aprender

Nesse tópico compartilho a fala de uma das anciãs do território sagrado- Comunidade Morada da Paz- sobre o brincar e aprender nesse espaço de reflexão constante sobre aprendizados e, por conseguinte, as formas de compreender a criança que/como aprende e o que ela aprende.

“brincar a gente não brinca só, a gente brinca com o outro, e quando a gente brinca, a gente redescobre, a

gente discute o lugar que a gente ocupa no mundo, nas relações e a comunidade é isso, viver em comunidade é como se a gente não pudesse brincar só, mesmo se estando só, não se brinca só, se tem um amigo imaginário, então brincar é, talvez seja a interpretação lúdica do viver não se vive só, não se brinca só.” (Yashodhan-moradora)

O brincar é uma das maneiras de ensinar e, por meio dele despertamos a consciência crítica e de recriação. Na dimensão das brincadeiras as crianças podem expressar o que sentem, trabalhando a imaginação e a comunicação com sua rede interna e externa. Segundo Neto (2000) “o brincar é essencial às crianças e nos revela de diversas formas que tem poder terapêutico natural, além de constituir auxílio na boa formação infantil, nas esferas emocional, intelectual, social, volitiva e física”. A criança que brinca aprende a comunicar-se em diferentes linguagens, a conviver em grupo, a compartilhar pertences, além de descobrir o mundo que a cerca.

Desde a Primeira Infância dita como a melhor, é que o brincar/aprender acompanha como pequenos olhos acesos quando falta luz de repente, à vontade de saber o que realmente aconteceu. Um bebê começa seu processo de aprendizagem no ventre de sua mãe, ouvindo todos os sons internos e externos como o toque do tambor, o som do berimbau, o xequerê, o canto de ninar ou acalantar quando sua própria genitora precisa acalmar-se dos seus batimentos cardíacos.

Outra forma de trazer o brincar/aprender seria reunindo pedagogias que façam um processo de sustentação para esses fundamentos do humano que são essenciais, como:

**pedagogia do Encantamento- “expressão de pensar a educação das crianças, sistematizando com outras pessoas o jeito e o compromisso de cuidar e zelar dentro do jeito de ser e viver da Comunidade, levando esse diálogo para um Seminário da Pedagogia do Encantamento realizado pela COMPAZ. Paulo Freire é um exemplo disso, pois se não estivesse encantado por tudo que criou, talvez as suas metodologias não existissem para esse educar e acredito que essa pedagogia precise estar em todo lugar, a toda hora”. (Sara Jane, moradora)*

Concordo com Freire (1997) quando afirma:

(...) que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos (...) abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica (FREIRE, 1997, p. 136).

*pedagogia da roda – Tião Rocha, antropólogo que acredita que a metodologia de Paulo Freire: ação – reflexão – ação pode se dar numa roda embaixo de uma mangueira, que também é possível aprender, porque acredita que *“Não precisamos de sala, precisamos de gente. Não precisamos de prédio, precisamos de espaços de aprendizado. Não precisamos de livros, precisamos ter todos os instrumentos possíveis que levem o menino a aprender.”*

Entendo que essas pedagogias são complementares; a do Encantamento aborda que ao fazermos o compartilhamento de nosso saber, precisamos estar encantados por aquilo que fazemos, para envolver quem vai receber o ensinamento; já a pedagogia da roda, do círculo que vem dos negros, dos indígenas que ao redor de uma fogueira ou até mesmo de uma árvore faz o processo oral que se dá com a fala e as trocas de saberes que são reveladas com movimentos muitas vezes de cantigas de roda ou com instrumentos para bulir na horta, também trazida por Tião com sua pedagogia debaixo de uma Mangueira.

Entendo que em comunidades que são percebidas como tradicionais essas pedagogias, ou melhor, esse jeito de ser e viver se entrelaçam com o encantamento de mostrar ao ser humano que através do olho no olho, de mãos dadas podemos crescer e envolver-se com harmonia.

Brincar e aprender são fundamentais e a educação diz muito nesta troca que pode ser simples, como pela/na oralidade dos povos tradicionais “os saberes, poderes, querereres são transmitidos, compartilhados, legitimados. Se a fala é valorizada, a escuta também é. O conto, a lenda, a história, a música, o dito, o não dito, o fuxico...”.

Somos aquilo que vamos adquirindo ao longo da vida. Os primeiros jogos, as brincadeiras, as cantigas, os contos vão

imprimindo em nós um pouco daquilo que vamos ser quando adultos. Não somos passivos às experiências e, a cada uma aprendida, incorporamos informações, transformamos, acrescentamos parte de nossa “herança” e vamos construindo nosso de nos olhar e de olhar o mundo. Produzindo saberes, comprometidos com nossa época e lugar. (...) Não só falando ou contando histórias, mas ouvindo o outro contar também outras histórias, ouvindo a voz do outro, o homem partilha suas impressões sobre a vida e discute as questões que ocorrem a sua volta.

Gregório Filho, 2002

A educação, a arte, a cultura e a cidadania são processos interconectados. As brincadeiras presentes na infância das comunidades tradicionais de origem quilombola e indígena são também um patrimônio imaterial para cuidarmos do que sentimos, de como fortalecer a afetividade que deve aparecer no social e na ludicidade que nos ensina a fortalecer a comunidade de vida. Quando estamos aprendendo, a troca de ideias, diálogos, investigação, crítica e a percepção de que há várias formas diferentes de se chegar a um fim, descobrindo a riqueza de usar a imaginação para criar algo e também enfrentar desafios. E o brincar leva a criança a aprender organizar suas lembranças, seu campo perceptivo, suas ideias e suas experiências. Por outro lado, ajuda a entrar em contato com suas emoções e sentimentos, aceitando-os ou reformulando-os. O brincar propicia a integração dinâmica dos processos cognitivos com os afetivo-emocionais, respeitando o ritmo próprio da criança e fortalecendo a alegria de pertencimento.

Ludicidade- Imaginemos um povo arrancado brutalmente de sua terra, que atravessou o Atlântico em tumbeiros, escravizado, humilhado, mas que não perdeu a capacidade de sorrir, de brincar e, assim, conseguiu marcar a cultura de um país com este profundo desejo de

viver e ser feliz. Isso resume a ludicidade, na perspectiva a favor da vida, da humanidade, da sobrevivência. A alegria frente ao real, ao concreto, ao aqui e agora da vida. (A Cor da Cultura)

Brincar e Aprender são complementares no passar da vida humana, são elementos naturais/orgânicos que ocorrem desde a convivência na fase infantil com ou sem incentivo, e também atravessa a vida dos adultos, pois quando se faz “algo” com música, dança e leveza tudo se torna mais prazeroso. Desde cedo, ensinamentos são retidos na memória que vai se moldando conforme observação, experiência que vai sendo adquirida naturalmente.

“Brincar e aprender andam juntos dentro da comunidade, isso aparece bem a todo o momento, pois para se alimentar tem sempre um canto no brincar, quando vai pegar a van a gente desce cantando. Você brinca e aprende e aprende brincando.”(Bolonã, moradora)

Nos povos indígenas as crianças são educadas no cotidiano de seus pais e mães, como por exemplo: lavando roupas na beira de um rio qualquer. Assim como, o povo negro que também carrega seus mais novos no dia-a-dia de uma colheita, plantação, mas tudo é feito com ludicidade que traz muitos risos, entre um por que isso ou por que aquilo que faz parte do saber/fazer.

Quando estamos diante de um mais velho é sempre uma honra aprender com os olhos, os ouvidos, com as mãos- o corpo inteiro se abre com sua epiderme de um grava saber para receber os dados empíricos da simplicidade de um saber/fazer como alimentação, plantação, artesanato e outras manifestações culturais.

A educação para o povo negro é constante, a todo instante, permanente, sinestésica, visual e que encontra em alguns teóricos da educação como o marcante Paulo Freire trazia sobre como aprendeu as palavras, quando criança, ensinadas por sua mãe debaixo das mangueiras em que o chão do quintal era o quadro e os gravetos o giz, transformando no mais legítimo instrumento de conscientização e transformação, essa

sua experiência vivencial traz elementos que contribuem para ampliação reflexiva deste educar nas comunidades tradicionais.

No próximo tópico será trazido uma exposição do entendimento do lúdico e o extraescolar nos cenários diversos e críticas para reflexão e necessidade da expansão dessas ações.

1.5.4. O lúdico e o extraescolar

O lúdico cria cenários inimagináveis, trazendo uma amplitude cultural que reúne músicas, danças, cantigas, instrumentos, brinquedos, jogos para que todos se integrem.

A ludicidade entre suas várias funções traz que os jogos sempre fossem instrumentos de ensino e aprendizagem, e também, uma forma de linguagem usada para a transmissão das conquistas da sociedade em vários campos do conhecimento. Ao ensinarem um jogo, os mais velhos de uma comunidade transmitiam- e ainda transmitem aos jovens e às crianças uma série de conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural da comunidade, pois quando ensinam um jogo, estão ensinando a própria vida.

“A cada dia acontece uma lição de vida. Aprende-se de tudo, a comunicação com os mais velhos, com os mais novos, o trabalho em grupo fazendo-se o que gosta ou que não gosta; e, sobretudo aprende-se o gosto pela vida, numa estreita relação com o Orixá”.

(Mãe Stella in Boaventura & Silva, 2004:63)

Na contemporaneidade existem movimentos extraescolares para ofertarem às crianças e jovens contatos com outras culturas. Isso ocorre num turno inverso ao curso normal, tendo muitas vezes à presença de um Mestre do povo negro chamados de Griot- que tem como definição de depositários, mas prefiro chamá-los de guardiões da ciência do passado; mas quem conhece a história do país poderá ler o futuro. Os Griot conhecem a história dos reis e dos reinos, motivo por que são os melhores conselheiros

dos reis. Todo grande rei quer ter um *chanfre* para perpetuar sua memória, visto que é o Griot quem salva a glória dos reis, pois os homens têm a memória muito curta.

Então esses Mestres Griot¹ representantes do povo negro vão até às escolas levando suas contações de histórias para que o calor da voz humana não se perca somente na linguagem escrita que para eles dizem que essa invenção matou a memória dos homens. Existe uma política pública que auxilia na mobilidade destes detentores de saberes e fazeres populares como as máscaras negras - Gelédes, as brincadeiras que vão de jogos como a capoeira, o maculelê, o jongo, o tambor, o maracatu, as cirandas, as Abayomis (bonecas de amarras que significa encontro precioso). Todas essas manifestações culturais são recuperadas em espaços escolares e não escolares como pontos de cultura que reúnem às comunidades dos arredores aonde as etnias se misturam valorizando a diversidade cultural brasileira, de preferência em turnos inversos – denominando-se de extraescolares (aquilo que está além das formalidades).

Precisamos refletir de que há outras formas de aprendizagem que o povo negro já vem espalhando através da força dos valores e referenciais afro-brasileiros, abaixo você vê um diagrama que ilustra esses valores que não são lineares, estanques, mas se interpenetram, se hibridizam, obedecendo a fluxos e conexões que se dão no cotidiano e na imersão e absorção dessa dimensão civilizatória que liga e conecta com uma força que é vital para a valorização do patrimônio cultural material e imaterial do povo negro.

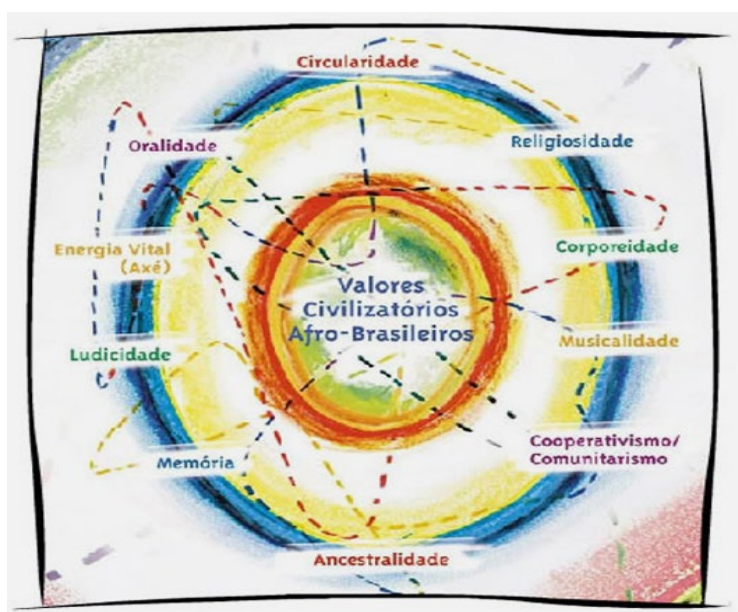


Figura 1- VALORES

CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS- A Cor da Cultura

Podemos com esses valores empoderarmos para que possamos fortalecer a identidade nas comunidades tradicionais dando visibilidade a fala, a palavra dita; o Axé que interage com a nossa existência; a roda que faz o *ojù-ojù* (enxergar com nitidez o outro); onde tudo é sagrado na visão espiritual do povo negro; o corpo que fala a vida na sonoridade do tambor-corção do povo negro; valorização do coletivo, da união, da unidade; navegando no território de sentidos e significados que formam a comunidade; a dimensão ancestral carrega o segredo da vida, da transcendência, pois a memória através da ludicidade precisa ser descortinada das amarras do racismo; que isso se resume a favor da continuidade da vida, da humanidade, da sobrevivência e da alegria frente ao real, ao presente, ao aqui e agora.

Pretendo trazer um alerta crítico reflexivo que ouvi nas conversas com as crianças da COMPAZ de que o ambiente escolar “não é mais legal, a gente só fica lá copiando e o recreio é bem pouquinho”. São as crianças que não estão preparadas para a escola ou a escola que ainda não percebeu que são outros tempos e que essa infância criança adolescência adulto necessita de uma reestruturação de espaço? Quando as políticas públicas como Mais Educação, Mais Cultura nas escolas pode até ser considerado um processo extraescolar ou complementar ao turno que o aprendiz frequenta, também não são bem vistos pelos próprios aprendizes, que muitas vezes estão entregues e os processos cessam de uma forma abrupta, devido a saídas, fim de recursos ou outros motivos. Mas o aprendizado não pode ser restrito somente às crianças, pois já existem EJAS nos ambientes escolares e que é necessário pensar uma forma de abrir momentos de atividades diferenciadas para esse público adulto muitas vezes aprendizes escolares noturnos e que como contribuição a ludicidade que pode surgir de várias formas e formatos.

Para compreender o ato de brincar- em outros termos como ato e forma de aprendizados, e não somente como obtenção de habilidades, é importante perceber que ele não é algo que se realiza apenas entre crianças, ou como uma técnica pedagógica pré-formatada e associada diretamente ao espaço escolar. A experiência da COMPAZ que aqui exponho se realiza na comunidade e essa é a singularidade dessa forma/ato de aprendizado.

Para tanto, esse trabalho realizou uma observação participante seguindo as afirmações que Geertz (2008, p. 7) traz: *o que define a etnografia é o esforço intelectual*

ou risco elaborado de uma “descrição densa” e fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.

Essa metodologia tem expandido possibilidades de perceber o protagonismo das crianças a exemplo de trabalhos como de Aracy Lopes da Silva (2002) em seu texto “Pequeno xamãs crianças indígenas: corporalidade e escolarização” relembra através de imagens e exemplos significativos que motivam considerações sobre o aprender, o ensinar, o criar, a transmissão e a expressão de conhecimentos, refletindo sobre: “(...) quem ensina, com quem se aprende, onde e quando? Qual a atmosfera que impregna situações de aprendizagem? Como são as relações entre gerações e entre gêneros nesse processos?” e Angela Nunes (2002) enfatiza o momento de crescente interesse por parte da antropologia pela infância em “ No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças Auwe-Xavante”. Categorias clássicas “tempo” e “espaço” recurso de análise qualitativa e simbólica, meio aonde as crianças localizam-se no mundo social.



Figura 02 - MOMENTO NA COLÔNIA DE FÉRIAS CURUMIM O-MADE DE CAPOEIRA COM AS CRIANÇAS E OS ADULTOS... acervo da pesquisadora (2015)



Figura 03 -OFICINA DE MARACATU SENDO ENSINADO POR FRANCISCO, UM DOS ODOMODÊ MAIS VELHOS – acervo da COMPAZ (2015)



Figura 04 - MOMENTO NA COLÔNIA DE FÉRIAS -O ABRAÇO, QUE FORMA UMA RODA AFETIVA – acervo da COMPAZ (2015)



Figura 05 –A COMUNIDADE MORADA DA PAZ E A RECUPERAÇÃO DA LINGUAGEM ANCESTRAL
acervo da pesquisadora (2015)



Figura 06 –MOMENTO NA HORTA DE TODOS NÓS COM BAOGAN E AS CRIANÇAS
Acervo da COMPAZ (2015)



Figura 07 – MOMENTO PRECIOSO NA RODA DE CONVERSA COM YABACE

Acervo da pesquisadora (2015)

CAPÍTULO 2 – Comunidade

Neste capítulo, a primeira parte que explico é sobre meu entendimento do que é uma comunidade; o segundo momento o brincar e as formas de viver em comunidade; num terceiro momento a construção dos brinquedos e a roda de conversa.

2.1. Comum-idade

Minha percepção é de que uma comunidade é o espaço do acontecer solidário, do fazer juntos. Implica a construção de um jeito de ser e viver das tecnologias de barro, da madeira, de usar os pés, as mãos num mutirão de muitos povos, composto por pessoas entranhas/estranhas que trocam saberes e fazeres independentes de suas etnias, crenças. Nesse sentido, se aproxima de realizar dos saberes tradicionais que a antropologia vem destacando espaço de verde nativo e inativo, animais domésticos, não é utopia, é um território sagrado pela força da recuperação dos seus ancestrais daquilo que precisa ser preservado na história da memória deste povo que ali/aqui está presentemente presente.

Bauman (2003) diz que a palavra "comunidade" sugere uma coisa boa: o que quer que "comunidade" signifique é bom "ter uma comunidade"; "estar numa comunidade". A comunidade é um lugar "cálido", um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma barreira, diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado. Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à espreita; temos que estar alertas quando saímos prestar atenção com quem falamos e a quem nos fala, estar de prontidão a cada minuto. Aqui, na comunidade, podemos relaxar-estamos seguros, não há perigos ocultos em cantos escuros (com certeza, dificilmente um "canto" aqui é "escuro"). Nunca somos estranhos entre nós. E ainda numa comunidade podemos contar com a boa vontade dos outros. Se tropeçarmos e cairmos, os outros nos ajudarão a ficar de pé outra vez.

Numa comunidade há um propósito que é o cerne de um jeito de ser e viver construídos juntos onde as raízes que mantêm a seiva fortalecida nas relações são os princípios e valores que vão manter essa coisa boa sugerida por Bauman (2003) como um lugar confortável e aconchegante. Para a manutenção do estar e ser comunidade precisa de elementos como respeito, partilha que não tornarão a conexão utópica como "contar com o outro" para ficarmos de pé, se necessitarmos.

Para fechar essa introdução de comum-idade, coloco parte de um texto de Osho (polêmico indiano de um saber reconhecido) muito respeitado pelos moradores da COMPAZ que traduz na simples visão da sensibilidade o que é uma comunidade, para ele denominada *comuna*:

“Um pequeno oásis no deserto do mundo é o que significa uma comuna criada por um Buda. Um pequeno oásis no qual a vida é vivida com uma gestalt totalmente diferente, com uma visão totalmente diferente e com objetivos totalmente diferentes, onde a vida é vivida com propósito, significado; onde a vida é vivida com método, embora para os de fora possa parecer loucura, essa loucura tem um método em si; onde a vida é vivida cheia de prece, alerta, consciência, despertar; onde a vida não é apenas acidental; onde a vida começa a se tornar mais e mais um crescimento numa certa direção, num certo destino, onde a vida não é mais levada a esmo pela correnteza”.

Paulo Claval- em sua Geografia Cultural traz que a comunidade serve de modelo (fala-se algumas vezes hoje de paradigmas) a toda uma série de unidades sociais e culturais: um pequeno grupo coeso, onde os membros estão ligados por ligações de confiança mútua, pode se multiplicar por emigração ou se estender para englobar um grande número de pessoas ligadas por certos traços fundamentais de cultura. Além dessa conceituação de Claval ele traz:

- a Comunidade de projeto- a sociedade utópica- não se impõe, tem uma adesão consciente de seus membros.

- a Comunidade ideológica e religiosa - partilhar as mesmas crenças religiosas ou metafísicas e participar dos ritos que reúnem os crentes constituem cimentos sociais muito sólidos.

- a Comunidade de lugar – os estilos de vida são semelhantes, o auxílio mútuo fácil.

Minha perspectiva é que podemos compreender a Comunidade Morada da Paz como uma comunidade de projeto e de lugar devido ao seu diferencial no seu modo de vida que aparece simples, singelo e o principal é compartilhar com determinação, respeito, receptividade, amor, compreensão, humildade e solidariedade o que acontece com todos, e todos mesmo até outras formas de vida. Esses são princípios que compõem o Estatuto da Comunidade.

É claro que o mesmo não foge da sua visão geográfica que demarca na territorialidade com sua formação das classes e dos grupos de pressão, os sistemas de parentesco, afirmando assim a importância da geografia cultural, a compreensão dos sistemas de parentesco. Acredito que tenha uma grande diferença quando se habita uma comunidade, pois se sai da utopia para tornar o sonho sonhado junto numa realidade de desafios, mas de construção baseada em princípios/valores que nos façam encarar a verdade-verdadeira da vida.

2.2. O brincar e as formas de viver em comunidade

Numa Comunidade muitas coisas acontecem tudo tem sentido, significado, consciência, verdade, compreensão. A construção de uma forma de viver não é simples,

viemos ao longo dos processos existenciais nos deparando com a força ancestral negra, recuperando a diversidade cultural que aparece nas brincadeiras, na culinária, nas relações.

Pelo sentido e significado das coisas que uma temática como o Brincar toma uma valorização que pode ser vista pelos moradores da Comunidade como patrimônio cultural atentando o olhar para esse movimento de conexão dos mais velhos com os mais novos que é salutar para ambos. Uma comunidade é um território de sentidos, de saberes, de fazeres, de afetos e valores.

“O território não é apenas o espaço, o lugar físico, abstrato, o território é o espaço marcado pelo humano. O corpo é território, a casa é território, são lugares simbólicos do espaço ocupado pelo humano”.

(Muniz Sodré in Trindade & Santos, 2002:22)

O próximo tópico que apresento sobre esses saberes e fazeres que resultassem de uma construção de ideias, de momentos eufóricos da criatividade que preenche momentos ricos intergeracionais como a construção dos brinquedos.

2.3. Construções de brinquedos

A COMPAZ ao longo de sua caminhada sempre teve a criança como centro dentro do seu território, em virtude disso surgem à criação dos brinquedos como Abayomis (bonecas negras de amarras), cinco marias, bonecas negras de pano com enchimento...

No início esses brinquedos eram construídos e manuseados somente no território como oficinas que reuniam adultos e crianças, mas tudo isso acompanhado das brincadeiras, da criatividade e transformação em outros objetos como chaveiros, cartões, broches, móveis para presentear.

Com o passar dos tempos é preciso sempre repensar ações para renovação, criação para novas ideias. Na COMPAZ tudo pode se tornar real, pois em fevereiro deste ano numa integração com a marcenaria surgiu uma luz de transformarmos restos

de madeiras em jogos como da memória, dominó temáticos em que as embalagens seriam sacos em tecidos denominados de *Apoiwà* (saco da criação no dialeto africano yorubá), pois conta o itan (histórias no dialeto africano yorubá) que foi o saco entregue a Orunmilá para criar a humanidade entre desafios e pés no chão surge o humano com a ajuda de nossa Mãe Yemonjá-Senhora das Cabeças e mãe de todos os filhos e filhas de nosso Aiyê (terra).

Os brinquedos-jogos pensados em fevereiro deste ano surgem no decorrer da pesquisa como algo que fortalece o fazer junto na Comunidade, que é o que dá sentido a essência de um jeito de ser e conviver, em que os primeiros jogos de dominó e da memória já foram levados e apresentados no Jardim Botânico de Porto Alegre, numa ação chamada *JARDINAÇÃO* que ocorre duas vezes no ano, nos meses de março e setembro.

Num diálogo com todos da Comunidade resolvemos pesquisar mais sobre esses jogos, suas origens para que todos dentro ou fora do espaço da COMPAZ possam ter essas informações e fazer do lúdico apresentado no momento algo mais divertido e de um valor diferente quando se sabe o que se está jogando, compartilhando com o outro. Esse próximo tópico traz uma das formas de valorizar nosso olho no olho e muitas vezes tomar decisões, sejam círculos de crianças somente, de adultos e crianças ou só de adultos que traz um efeito de valorização do outro- a roda de conversa seja na fogueira ou até mesmo na Casa de Barro, carinhosamente chamada de BIO.

2.4. A roda de conversa

O círculo dá sentido e significado a roda de conversa, manifestação cultural do povo negro que aparece sempre numa roda de capoeira, nas conversas ao redor da fogueira, na roda de samba, nas cirandas. O círculo é feito para que possamos reverenciar o olhar do outro, o toque, a integração, até mesmo o processo hierárquico pode circular, mudar, transitar entre poder e saber não se fechando e também se transferindo aos que virão, principalmente quando há contação de histórias.

Na Comunidade Morada da Paz a roda de conversa aparece em todos os momentos para que as tomadas de decisões dos clãs que compõem o harmonograma da

ecogestão comunitária, afetiva e solidária sejam realizadas com as melhores estratégias possíveis para que não afetem o processo em si.

Para iniciar uma roda é primordial na COMPAZ fazer uma oração e um canto sagrado da própria comunidade, em seguida solicitar seu Axé de fala e escuta para que se realize a roda de conversa. O fundamental é manter vivos os princípios que a Comunidade preserva e segue dentro de seu território sagrado como: o respeito, a determinação, a compreensão, a humildade, o amor, a receptividade, a solidariedade, abnegação, unidade, verdade, trazendo para os moradores ou aqueles que são demoradores ou até mesmo os frequentadores de eventos que ocorrem anualmente dentro da COMPAZ.

Dos mais novos aos mais velhos a guardiania do território sagrado é zelada com bastante esmero, pois se acredita na preservação do ambiente para que todos os seres ali manifestos cumpram seu tempo de existência com os princípios acordados por todos para que se cultive a espiritualidade que é a base para as realizações, transformações de tudo que se faz pela comunidade de vida presente no cotidiano da comunidade e em seu entorno.

O próximo capítulo vai nos levar aos encantamentos, as crianças nas relações de aprendizado, a visão dos mais velhos, dos mais novos, integração e criatividade nos saberes e fazeres na COMPAZ.



Figura 08 –MOMENTO DE INTERAÇÃO COM A PLANTAÇÃO DE UM BAOBÁ-ÁRVORE SAGRADA PARA O POVO NEGRO Acervo da pesquisadora (2015)



Figura 09 –CRIANÇAS BRINCANDO DE JOGAR STOP

Acervo da pesquisadora (2015) -



Figura 10 –MOMENTO DE ADULTOS E CRIANÇAS INTERAGIREM PARA A
CONSTRUÇÃO DE UM FORNO DE BARRO

Acervo da pesquisadora (2015)



Figura 11 –YASHODHAN PREPARANDO A TERRA PARA QUE TODOS POSSAM PLANTAR O BAOBÁ

Acervo da pesquisadora (2015)



Figura 12- OFICINA DE ABAYOMIS, MOMENTO DE EXIBIR SUAS BONECAS PRONTAS Acervo da pesquisadora (2015)



Figura 13– BRINQUEDOS COMPAZ APRESENTA SEU JOGO DE DOMINÓ PRODUZIDO NA COMUNIDADE

Acervo da pesquisadora (2015)

CAPÍTULO 3 – Os encantamentos

3.1. Crianças nas relações de aprendizado

“A comunidade em si traz um encantamento de fazer junto”. (Sandra Soares, Irmandade)

Na Comunidade Morada da Paz se vê em todos os momentos do cotidiano o saber/fazer que nutre o jeito de ser e viver desse povo. Com isso aparece com nitidez à integração de “mais velhos” e “mais novos” em todos os ambientes que necessitam de mãos e pés em movimento, sejam eles para cozer, varrer, pintar, catar lenha, lavar, cuidar e zelar. Crianças com idades diversas, adultos também se diferenciam, mas há

algo em comum-unidade de querer estar presente em momentos que desafiam na manutenção de uma história com princípios que preenchem o território espacial e sagrado de 7,2 hectares com mata, água, projetos, ponto de cultura, inter-relações e um cotidiano muito movimentado.

3.2. “Os mais novos” – o-madê vistos pelos “mais velhos”

A construção metodológica dessas vozes foi através de diálogos em momentos diversos com “os mais velhos” devido a todas as preces práticas realizadas por cada um dentro e fora da comunidade incluindo as crianças que estudam em turnos inversos, pois são ao todo 10 crianças, sendo que alguns ainda menores de 06 anos. Quanto às identidades não houve nenhuma restrição, sendo que a Comunidade recebeu a Carta da orientadora solicitando a permissão para a pesquisa. As perguntas eram relacionadas às crianças e o brincar, o processo de interação com os adultos. Em cada fala muita força e uma disponibilidade, pois mesmo estando em movimento paravam e contribuía com o Trabalho, isso traz uma profunda gratidão pela entrega. Logo abaixo trago **as vozes dos mais velhos**.

ALAKOTO – (mulher, 31 anos, Técnica em Nutrição, moradora)

A construção do brincar dos adultos com as crianças, para os adultos revive a forma como os adultos brincavam... A gente traz a lembrança do brincar... Sim, isso é a nossa essência.

BOLONÃ – (mulher, 25 anos, Professora de Educação Física, moradora)

Diferencial do brincar – o brincar da COMPAZ foge do quadrado que é as coisas, que mesmas são sempre as brincadeiras sempre as mesmas coisas, ai fora é sempre tirado da mesma vertente, aqui não, é tirado das várias vertentes e várias criatividade da natureza, de várias formas diferentes de brincar, de vários povos diferentes, como é o brincar dos índios, dos negros, dos ancestrais e outras etnias, a gente aceita brincadeiras novas, a gente não fica sempre batendo na mesma tecla isso que é o diferente, o ponto chave e a criança não fica condicionada sempre a mesma coisa, isso é muito diferente porque você pega uma criança que vive coisas diferentes, que é

estipulado e é explicado o porque disto, o porque daquilo, isso é o diferencial e a criança sabe das coisas.

ORANYAN – HENRIQUE, NOME CIVIL, FILHO DE XANGÔ (homem, 25 anos, Trabalhador da terra, morador)

*Relação de brincar **de estar junto com as crianças** são relações entre eles, à brincadeira deles nos trazem isso e nos remete as nossas brincadeiras antigas, as coisas novas e a diferença a nossa infância. A relação de nós brincando com eles... Relação do nosso passado, do nosso presente com eles o que eles nos trazem de novo, o que nós trazemos de novo para eles... Relação dos mais velhos brincando com nós mesmos no nosso dia a dia, nas nossas demandas. Vejo isso muito vivo no espírito da brincadeira, a alegria, a gente está sempre brincando, é difícil estar na morada e ter o silêncio, porque tem sempre alguém brincando, alguém rindo, alguém falando, isso é algo que vem das crianças, porque a criança está sempre aqui, está sempre em movimento, sempre te chamando para alguma coisa, te trazendo assim para isso. Então é essa relação com a brincadeira, com a Morada é a mesma relação com as crianças e uma constante volta ao passado, uma constante reinvenção com nós mesmos e isso não é só com elas, pois nós brincamos com nós mesmos, e nós fizemos harmonogramas, que me remete a infância, não é um algo reto é um harmonograma, que nos organiza de uma forma harmônica, algo encantado. O brincar é a leveza, é o presente, é aquilo que está no aqui e agora, é alegria em forma de tempo.*

YASHODHAN –(mulher, 46 anos, Pós-doutora em Políticas Públicas, guardiã espiritual do território, fundadora, moradora)

*Eu diria que às vezes, elas brincam com a gente. Às vezes elas brincam entre elas e elas são crianças, eu não poderia descrevê-las de outra forma, as crianças aqui da Comunidade ainda são crianças, se vestem como crianças, brincam como crianças, brinquedos de crianças como bola, pula corda, corrida do saco, stop, cinco marias, ioiô, dominó, pião, reinventam a vida adulta brincando de papai, de mamãe, de filhinho, de filhinha, **são crianças que brincam se ocupam do brincar**, isso é ser criança, o que a gente precisa é se perguntar o que está acontecendo com as outras pessoas nessa idade que também são crianças e que não manifestam a sua infância com essa genialidade, com essa simplicidade, com essa pureza, então eu não me pergunto como são essas crianças da Comunidade, eu pergunto é o que está acontecendo com as*

*outras crianças que não fazem parte deste processo que estão aí exposta a todo tipo de informação e num lugar em que a infância fique adormecida e eu posso testemunhar isso para você, eu não estou supondo, eu testemunho com atividades que tem aqui como a Colônia de Férias, como o Brincando COMPAZ, como o próprio aniversário de cada uma das crianças que vem crianças de fora do território, de fora da comunidade e que aqui ao contrário do que os pais dizem do vídeo game, do celular e que não toma suco e que não pode comer verdura, aqui as crianças tomam suco, comem verduras, andam de pés descalços, se rolam no chão, brincam são crianças então eu faria essa pergunta que tu me fez ao revés não é como são as crianças da Comunidade Morada da Paz, elas são crianças, a questão é **o que está acontecendo com a infância de pessoas que são crianças?** Essa é a questão que eu faço.*

SARA JANE, MORADORA, FUNDADORA DA COMPAZ, SOU ELEMOSO NA COMUNIDADE *que é um nome em yorubá que significa a guardiania dos ritos e dos fazeres sagrados do território.* (mulher, 44 anos, Mestre em Serviço Social).

*Bom pra mim o brincar dentro da Comunidade ele é uma base, um fundamento para nós, tanto é um fundamento que ele se tornou um projeto, um jeito de viver dessa comunidade, a brincadeira ela era tida pra nós desde o início, as primeiras crianças como algo que faz parte do dia a dia como correr, como tomar banho, como conversar, sempre fez parte, sempre teve um momento específico para termos a garantia durante a semana, durante o dia, durante o mês que ela estaria presente na relação sempre entre os adultos com as crianças, as crianças sempre brincaram espontaneamente, mas isso desde o início começou a fazer parte, a gente garantia dentro da rotina da comunidade, **o momento dos adultos brincando com as crianças, e podendo interagir, podendo viver esse momento de se encontrar com suas brincadeiras...***

BAOGAN, da COMPAZ –(homem, 40 anos, Mestre em Ciências do Ambiente, fundador, morador)

*Brincar é algo muito presente aqui na Comunidade integra tanto os mais velhos quanto os mais novos. Momento que todo mundo acaba sendo criança de novo. **Festa junina, corrida do saco, dança com a laranja na testa.** Atividades bem recreativas, a brincadeira ajuda a destensionar, temos muitas atividades, bastante disciplina e isso ajudam a destensionar e fortalece a energia da alegria-força de sustentação. A*

brincadeira deve ser valorizada e nunca deixada de lado. É como se fosse algo sagrado, é como um rito. Procurar refletir por que a brincadeira se processou desse jeito e vai brincar...

YABACE –(mulher, 37 anos, Pedagoga, fundadora, moradora)

A partir das crianças vem se criando vários projetos como Brincando COMPAZ, Colônia de Férias... Momentos de os dias das crianças de poder brincar, o dia ludicidade, poder estar... Até nos nossos ipades de termos esse momento de Brincar, de poder ter o momento de brincar até com os Eco educadores. Essa força que nos tira do endurecimento, do momento tão rígido de ser- oxigenar sempre em construção. Até para avaliar e reavaliar, oxigenar esse processo. Às vezes parece que a gente cresce e perde essa força de poder criar com pauzinho, poder ir pro mato, ficar lá imaginando, essas são simples, mas faz com que a gente renove.

JANAÍNA- AKOGUN da Comunidade Morada da Paz (mulher, 38 anos, Contadora de histórias, moradora).

Eu me vejo novamente em contato com a criança que há em mim. E eu acho maravilhosa essa coisa de construir os brinquedos com as crianças e depois brincar com elas, sem precisar ir lá à loja, no supermercado comprar. Eu até estava conversando com Shanti sobre como é gratificante, é muito bom jogar um jogo, brincar com um brinquedo construído por nós, isso nos aproxima, nos une.

Enfatizei em negrito passagens que revelam a importância do brincar, a interação intergeracional, a força da criança que de alguma forma se faz presente dentro de cada adulto, aspectos positivos- amparados ao que conhecem da sua própria comunidade e de outros ambientes.

Resumindo, o que os depoimentos/reflexões apresentam:

Qual seria o diferencial da infância naquele lugar? As “crianças são crianças” porque “se ocupam do brincar”.

Não há silêncio que se evidencia na fala: “é difícil estar na morada e ter o silêncio, porque tem sempre alguém brincando, alguém rindo, alguém falando, isso é algo que vem das crianças porque a criança está sempre aqui... pois nós brincamos com nós mesmos”.

A Comunidade realiza muitas atividades como a colônia de férias que ocorre anualmente no mês de fevereiro e não é algo excepcional do que é vivido como: oficina de maracatu, oficina de capoeira, oficina na horta, trilhas e aventuras na mata, e para os participantes há uma valorização de algo que dialoga com o cotidiano da comunidade. Devido a todo envolvimento com as crianças de dentro e de fora da comunidade, surge o Ponto de Cultura da Infância – OMORODÊ que tem o envolvimento com redes que auxiliam na realização e construção das atividades como a Rede de Eco educadores-rede de acolhimento com os educadores e oficinairos que acompanham o trabalho e auxiliam a desenvolver os projetos com as crianças e jovens, vislumbrando os aspectos pessoais, espirituais e profissionais no sentido mais amplo do processo de formação.

Na Comunidade Morada da Paz o processo educacional dos o-madê é constituído através da integração de todos os adultos que partilham a guardiania e o seu zelo que não se esgotam nas atividades relacionadas ao Ponto de Cultura. Há um momento semanal onde ocorre o ipadê (circulo) dos cuidadores, espaço onde são compartilhadas impressões, percepções, sensações e orientações voltadas à educação dos o-madê. As orientações podem ser direcionadas individual ou coletivamente aos o-madês ou aos seus progenitores dependendo das necessidades específicas.

A educação na COMPAZ é orientada a partir dos princípios da Comunidade e das cosmovisões matricial africana, indígena (Mbyá-guarani) e budista tibetana, onde o respeito aos anciões e ancestrais é um traço marcante do seu jeito de ser e de viver.

Os o-madês realizam diariamente suas preces práticas que tem como proposta trabalhar o sentido e o significado do fazer a atividade, seja ela cuidar dos animais, laborar na horta ou preparar a alimentação. Em todas as preces práticas os o-madês são acompanhados por um gba oya nkan (significa responsável, no dialeto africano yorubá).

Existe na COMPAZ o projeto Escola da Terra Pura para implantação de um centro de educação holística no território sagrado, onde os o-madês possam aprender através de vivências teórico-práticas, orientadas pela agroecologia, filosofia, espiritualidade com turmas multi-idades.

A espiritualidade é um componente primordial do movimento educativo da COMPAZ. A participação nos ritos e ipadês por parte dos o-madês são estimuladas como etapas dos seus processos de formação. Nos ipadês há a permanente troca de

saberes e fazeres, a partilha de vivências, que esclarece e fortalece cada um e todos na comum unidade.

Os itans, histórias e contos sobre a cosmovisão (visão de mundo) matricial africana, sobretudo da nação yorubá contribuem para o processo de educação em comunidade e são contados diariamente no território sagrado da COMPAZ constituindo-se em um recurso pedagógico tanto para os adultos quanto para os o-madês se reconectarem com suas raízes ancestrais. Geralmente quem faz a contação de histórias na COMPAZ é um ancião do território, uma Yaba ou um baba, que são os guardiões da tradição oral.

A Colônia de Férias Curumim-O-Madê que acontece desde 2008 na segunda quinzena de fevereiro durante quatro dias é um importante momento de partilha na COMPAZ, onde são acolhidas crianças do entorno e da região metropolitana para uma série de vivências do cotidiano comunitário, jogos, brincadeiras e oficinas.

As diferenças que as crianças da COMPAZ observam entre o jeito de ser e de viver que orienta a sua educação e o que é estimulado pelo sistema capitalista através do apelo ao consumismo e ao individualismo principalmente, são abordadas com muito diálogo, sempre visando o esclarecimento, não a imposição de ideias, pois acreditamos que assim eles serão adultos mais conscientes das escolhas que venham a fazer nas suas vidas.

Os movimentos educativos da COMPAZ também se realizam na escola onde as crianças da comunidade estudam na localidade de Rua Nova, em Montenegro/RS, local em que os seus anciões ministram palestras, minicursos e oficinas voltadas aos professores e aos estudantes. Próximo tópico traz através das vozes dos mais novos como eles veem os mais velhos e esse brincar na Comunidade, nesse processo da pesquisa as perguntas são readaptadas conforme a faixa etária.

3.3. “Os mais velhos” – babas e yas sob o olhar dos “mais novos”

Esse olhar da criança que vai longe do processo mágico, essa magia que está sempre renovando. (Yabace)

Esse momento foi lúdico e desafiador, pois as crianças têm faixas etárias diversas e as perguntas eram mais diálogos em momentos surpreendentes de cada um e ter elas como aliadas a esse processo foi muito importante, pois elas sugeriram que seus pontos de vista aparecessem na escrita do trabalho, demonstravam interesse de pesquisadores para que tudo dê certo.

Em algum momento, fiquei a pensar sobre todos os dados que foram enchendo meu olhar sobre a pesquisa e a pergunta veio: e agora tanta coisa, vamos lá? Senti em cada diálogo uma fonte inesgotável de possibilidades e continuidades sobre o brincar e seus desdobramentos, principalmente nesta Comunidade.

DJEY- 14 anos

*Acho que o brincar é uma brincadeira com todos. Acho que tudo é brincadeira aqui dentro porque mesmo que a gente não tenha muito tempo é sempre uma brincadeira quando tu conversas, quando tu corre. E os adultos estão sempre tentando interagir com as crianças. Acho que o brincar é isso. O Brincar tem um grande valor para a Comunidade, é quando os adultos entram no mundo das crianças. Somos praticamente 22 pessoas. Brincar é a diversão com todos e aquela que faz o amigo feliz. **Eu sou uma das mais velhas das crianças e me vejo como um exemplo.** Tem aquelas brincadeiras que tu brinca e aquelas que não brinco, e tem aquelas que só conversamos ou não. Todos estão sempre te olhando como irmã mais velha. Damoran da Irmandade da Casa da Sétima Ordem.*

SHANTI- 11 ANOS

*Bom pra mim é muito divertido e sempre os pais, babas, os mais velhos, as Yabas interagem, brincam, falam, conversam, dizem as coisas. A gente fez uma atividade, mas hoje não teve está muito frio e nós tivemos outras coisinhas a mais para fazer, mas quando não tem isso à gente brinca de caçador ali juntos os mais velhos e os mais novos, e é bem divertido. Eu acho que essa integração é muito boa e ajuda muito no desenvolvimento da criança e da capacidade. Eu acredito que a base da pessoa está na infância, se uma pessoa é uma pessoa chata, é ignorante com a sociedade, é porque menos estudo ele teve, e menos compreensão e entendimento das coisas ela teve para saber as coisas que hoje ela faz de errado. **Brincar é esquecer de tudo que precisa fazer, esquecer tudo que está acontecendo e relaxar, esquecer tudo, a mente fica***

vazia. Brincar em todo lugar é divertido, o diferencial é que em outros lugares o brincar está sendo esquecido, como um jogo, se tu perder ou ganhar, não importa. Cumprimente o vencedor, pode ficar triste, fique o importante é que você jogou, participou isso é que interessa. Caçador, pular corda, é que a cidade está ficando grande e nós estamos ficando com muitas coisas para fazer, mas que isso não seja uma desculpa para não brincar.

Ponto de vista extra: bom eu quero dizer uma coisa, que tem pessoas que vão ficar indignadas que crianças como nós ou o-madês como nós poderemos saber de tantas coisas, sim a gente sabe, entende e a gente precisa saber. Bom para criança saber... Pois tem crianças que vem aqui e não sabem de onde vem o leite, dizem que é da caixinha, não sabem de onde vem o ovo, a batata, é triste. Então, espero que os pais e filhos, os filhos devem ajudar mais os pais a se entenderem e conversarem e não dar uma tunda nos filhos achando que eles estão aprendendo as coisas por medo e não por aprender. Axé.

As falas acima são muito importantes para as reflexões desse Brincar: “com todos adultos juntos” que de alguma forma esquecem nesse momento suas “atribuições” do cotidiano e entram no mundo das crianças.

E no ponto de vista extra da Shanti – vê o que está “errado” entre os adultos e os filhos quando ela expressa: “pois tem crianças que vem aqui e não sabem de onde vem o leite, dizem que é da caixinha, não sabem de onde vem o ovo, a batata, é triste”...

IASMIM – 09 ANOS

A gente em vez de copiar as coisas que os outros fazem, a gente às vezes copia como jogar futebol, joga e a gente está tendo um brincar diferente, tem criança que fica em casa no facebook, jogando vídeo game, no telefone e nós passamos a tarde fazendo preces práticas, brincando. Brinca com os adultos, fazendo um cartaz de terça tem caçador, quarta tem maracatu, a gente se diverte com os adultos, às vezes a gente chama para brincar de casinha, mas as brincadeiras que a gente mais brinca com os adultos é de caçador..... Às vezes eles chamam a gente para ler e às vezes para fazer preces práticas que nos chamam e atividades que a gente pode ajudar brincando e ai a gente está construindo com os adultos os brinquedos COMPAZ, com madeira e o jogo

da memória não é como... **O brincar é se divertir junto com as outras pessoas...**
Brincadeira que mais gosta de brincar com os adultos é caçador...

DHARA DORNELLES TEIXEIRA DA COMPAZ – 11 ANOS

*A brincadeira é o caçador é muito legal e todos tem que correr de um lado para o outro com a brincadeira. A gente fez um mural para colocar o dia das brincadeiras porque não é todo dia que a gente pode brincar com os adultos... **Brincar é se divertir, é conhecer outras histórias...** Eu sou a quarta mais velha, tem uma criança de um ano e um recém-nascido. Existe uma integração dos mais velhos com os mais novos dentro da comunidade.*

NISHTHA – 6 ANOS

*Eu sou a mais velha e tem um irmãozinho que nasceu e ele é mais velho que o bebe da Kyzzi. Eu gosto de brincar... A gente tem que aprender que temos que ter paciência com os menores, às vezes a gente não se dá conta. Um dia a cama da minha mãe quebrou, o Fran pulou na cama da minha mãe e ela quebrou os paus já estavam ocos. Existem brincadeiras com os adultos? Hum eu gostava das brincadeiras quando eu engatinhava. Eu me sinto solitária... Eu fico muito triste, o combinado da minha mãe era nos levar juntos, às vezes eu fico pensando, eu sou duas vezes mais velha que o Mhelkior. **O brincar é se divertir, se aventurar, ir pro mato, arrumar o guarda-roupa, lavar a louça como se a gente tivesse num navio.***

E a questão dos “mais velhos” é um ponto de vista relativo, pois Djey com seus 14 anos se vê como um exemplo em relação às outras crianças: “todos estão sempre te olhando como irmã mais velha”. E aparecem também nas falas de Dhara e Nishtha serem mais velhas em relação aos menores de sua idade.

ODARA MACHADO DOS SANTOS- 09 ANOS

*Se divertir, brincar é o que interessa. Caçador, pega-pega corrente, bingo, maracatu e acho que só. Existe contação de história dentro da Comunidade. Amar um ao outro e se divertir é o que interessa. O diferente na brincadeira é que não costumamos fazer isso todo o dia e a gente costuma fazer diferente, saindo mais. **Brincar é aprender, na escola se aprende brincando, é diferente.***

FRANCISCO- OGAN AYAIN AQUI DA COMUNIDADE – 14 ANOS

O brincar assim é bem necessário por causa que a interação das pessoas fica mais divertida, a gente consegue ter mais proximidade no brincar do que se a gente fosse conversar, brincando a gente se sente melhor.

Existe essa integração dos mais velhos com os mais novos e isso é tranquilo? Existe sim, até as brincadeiras que a gente faz com os mais velhos como caçador, caça ao tesouro é bem legal.

Qual diferença do brincar aqui dentro da Comunidade? Eu acho que as brincadeiras aqui dentro da Comunidade são mais didáticas, são mais educacionais e lá fora assim acho que as brincadeiras são mais violentas assim. Numa frase o brincar para ti é: O brincar é alegria, aprendizagem, interação.

E a construção dos jogos e o Memorial do brincar que se quer construir aqui dentro da Comunidade como resultado deste trabalho depois que tu brinca, brinca, brinca e ai depois começa a parar com jogos de madeira, jogos recicláveis a gente consegue ajudar mais a natureza, com o plástico que estão fazendo os jogos, ai depois tu brinca, brinca, brinca e ai depois começa a parar de brincar com aqueles jogos e eles vão ficando ali se decompondo, mais a madeira, outro material reciclável mais vantajoso para gente e para natureza.

Qual o brinquedo de vocês, pois você está numa outra fase, qual sua idade? 14 anos, eu gosto dos jogos mais coletivos tipo futebol assim, a gente até joga caçador, agora estou entrando na fase do vôlei e eu gosto de dominó, jogo da memória, quebra cabeça acho também bem legal.

O depoimento do Francisco aponta para a construção do memorial como forma de mostrar sua criatividade para outras pessoas, não somente como forma de “reter” a memória.

A integração dessas gerações se dá no fazer junto, no estar junto seja nas atividades denominadas por preces práticas como cozinhar, momento em que Yabace e seus aprendizes se deliciam com as receitas do TASA-Templo Alquímico de Saúde Alimentar aonde a criatividade nos pratos, nos sucos aparecem em pratos nutritivos que enchem os olhos e salivam o paladar de todos os moradores. Na Horta de Todos Nós

com Seu Pedro e Baogan aonde os temperos, as verduras e as frutas que vão á mesa saem e que até o mais novo de todos no seu aguçado e inquieto um ano de idade já aprende a colocar sua mão na terra e até mesmo plantar sua primeira muda de cabeça para baixo, mas o que é valioso é o aprendizado.

Tudo isso é um processo criativo que aparece em todos os momentos com leveza e muitas brincadeiras acontecem no decorrer destes envolvimento que enriquecem a vida em comunidade revelando o laço afetoso da criança que pergunta que insiste em querer estar presente e que os mais velhos acolhem com paciência e respeito. Na Comunidade Morada da Paz as crianças sempre foram vistas, segundo os mais velhos como primordiais e centrais deste movimento, completando sempre os espaços com suas ideias mirabolantes e colorindo o cotidiano fazendo com que todos participem com elas nos seus ires e vires da Comunidade.



Figura 14 –MOMENTO DE EXPOR AS ABAYOMIS, APÓS UMA OFICINA

Acervo da COMPAZ (2013)



Figura 15 - NISHTHA E MHELKIOR INTERAGINDO COM CAIXA DE MADEIRA, LIVROS, BONECAS E CRIATIVIDADE

Acervo da pesquisadora (2015).



Figura 16 –TUDO PELO MEMORIAL DO BRINCAR, VALE PINTAR, INVENTAR, CRIAR PARA TUDO BELO FICAR!

Acervo da pesquisadora (2015)



Figura 17 - ADULTOS PINTANDO O SETE NA MADRUGADA, PELO MEMORIAL.

Acervo da pesquisadora (2015)



Figura 18- BRINQUEDOS E JOGOS JÁ SE ENCONTRAM NO MEMORIAL

Acervo da pesquisadora (2015)



Figura 19 –ADULTOS E CRIANÇAS POUSANDO PARA MOSTRAR OS BRINQUEDOS E JOGOS NO MEMORIAL DO BRINCAR

Acervo da pesquisadora (2015)



Figura 20 –E AÍ ESTÁ O MEMORIAL DO BRINCAR

Acervo da pesquisadora (2015)



Figura 21 –O DIÁLOGO EM VOLTA DA CIRANDA DA FOGUEIRA

Acervo da COMPAZ (2015)



Figura 22 –YABACE E SUAS DELÍCIAS DO TASA, NUM MOMENTO DO CAFÉ DA MANHÃ NA COLÔNIA DE FÉRIAS

Acervo da COMPAZ (2015)-



Figura 23 –O ENCONTRO DA REDE DE ECOEDUCADORES NA CASA DE CULTURA MÁRIO QUINTANA

Acervo da COMPAZ (2013)



Figura 23 –PEDRO ENSINANDO A FAZER UMA CANOA COM GARRAFAS PET PARA ENFEITAR AINDA MAIS OS BANHOS DE AÇUDE NA COLÔNIA DE FÉRIAS

Acervo da COMPAZ (2015)



Figura 25 –A REDE NA OFICINA DE MÁSCARAS AS CRIANÇAS NA COLÔNIA DE FÉRIAS

Acervo da COMPAZ (2015)

Considerações finais

Esse momento de conclusão deveria ser tranquilo, mas não está sendo. Acredito que este Trabalho de Conclusão de Curso propõe outra forma de refletir sobre as crianças, tomando o brincar e os aprendizados que sempre se dão em todos os processos. Percebi que nada fica fora de um esclarecimento quando uma pergunta adentra a Comunidade Morada da Paz. Existe dentro deste território uma força espiritual que dá o embasamento fundamental e anima para todos os processos ali desenvolvidos.

Percebo que tudo que acontece como eventos, oficinas, preces práticas são dialogados com todos, há entrega para partilhar os saberes que são transformados em aprendizados constantes. Como diz uma das moradoras “as crianças são crianças, brincam como crianças, vestem-se como crianças” e são felizes e o compromisso ético que também é anunciado por uma das moradoras é que isso não é restrito somente as crianças que estão dentro da comunidade, mas são criadas estratégias para que outros possam ter esses contatos e trocas do brincar que não está somente centrado nas crianças, mas também envolvendo os adultos que precisam sentir-se como crianças.

Concordo quando sou questionada por um dos moradores de como estão essas pessoas que são crianças? Acredito que isso me fez refletir sobre como o brincar e aprender não se circunscreve ao ambiente escolar e extraescolar, como são apontados dentro do capítulo 1, mas na vida comunitária. Isso exige olhar para essas políticas públicas desenvolvidas para as escolas e que os resultados ainda precisam aparecer melhor, pois as crianças reclamam sobre o pouco tempo do recreio, que teoricamente deveria ser o momento de brincar na escola quando se chega a um determinado nível escolar.

No capítulo 1 demonstrei que na Comunidade Morada da Paz “o brincar” envolve uma experiência de olhar entre gerações e do interesse de todos que desperta a criatividade e a reflexão.

No capítulo 2 enfatizei as rodas de conversa e o modo como às brincadeiras se desenvolvem seja no cotidiano, seja em atividades do Ponto de Cultura. De todo modo, as dinâmicas demonstram o envolvimento intenso em uma forma específica de viver a infância relacionada a criatividade e a vida em comunidade.

No capítulo 3 destaquei as reflexões de “mais velhos” e “mais novos” sobre a valorização do “brincar” em seus próprios termos e a interação dessas gerações.

Em alguns momentos acompanhei as crianças fazendo bolos, tortas, sorvetes com barro e flores, dialogando como algo real do brincar, quando muitas vezes era surpreendida com bonequinhos de arame e cabanas de folhas no mato. O que também chamou minha atenção é que todos gostam muito de brincar como um ato criativo e coletivo que envolve adulto e crianças. Isso é visto no brilho dos olhos deles, e a brincadeira preferida é “caçador”- talvez seja a emoção de correr de um lado para outro fazendo uma dança com o corpo.

Percebo que este trabalho terá desdobramentos e muita roda de conversa sobre o brincar, as crianças, e a vida em comunidade por que essa imersão nas minhas entranhas colocou sobre a minha responsabilidade, o compromisso de levar adiante esses estudos e suas vivências para continuar essa infinidade de aprendizados que a vida apresenta num tema como a criança, o brincar e a comunidade. Sinto-me após essa imersão nas minhas entranhas/estranhas uma guardiã dos saberes do lúdico dentro da Comunidade Morada da Paz, lugar de entrega e mais que moradia, lugar do coração.

Um desse desdobramento é a construção de um Memorial do Brincar muitos viverão essa história de um espaço para todos brincarem e deixarem suas passagens lúdicas por ali. Como diz um dos o-madê: *“O Memorial acho que é bem diferente, no memorial se pode mexer, tocar nas coisas pode interagir com os projetos, as coisas que lá dentro do Museu tu só observa, que é uma coisa de uma boa ideia fazer esse memorial porque as outras pessoas vão poder ver nosso trabalho, acho que é bem legal”*. (Francisco, 14 anos)

O espaço memorial do brincar adentra o trabalho como proposta de continuidade que envolva a todos da Comunidade com a força do TOQUE- do OLHAR e do EXPERIMENTAR com o objetivo de manter a conexão, enriquecimento e valorização do BRINCAR enquanto estratégia de harmonização das relações do ser humano em qualquer parte do planeta.

É importante que um Trabalho de Conclusão de Curso como este tenha um algo a acrescentar além do que somente sua escrita. Aqui, optei por expor e valorizar dinâmicas de aprendizados. Um trabalho deve dar seu recado naquilo que é criar para

trocar com as diversas culturas que passarão pela Comunidade Morada da Paz que também é um Ponto de Cultura da Infância denominado OMORODÊ, em que mais velhos e mais novos partilhem com a leveza do sorriso, do jogo, das pernas para o alto, da memória que não nos deixa quieto quando estamos partilhando momentos assim com crianças que ativam com naturalidade os nossos sentidos, pois nossa criança é um passarinho que não passou para essas pessoas e que voa dentro e fora do território recuperando o Brincar brincando juntos.

A construção do memorial trará perspectivas e desdobramentos dessa experiência que fortalecerá ainda mais esse fazer junto que é a essência da Comunidade e todos estão se empenhando na força que este espaço terá dentro da Comunidade, pois o Memorial será um espaço de brincar, de registro da construção dos brinquedos COMPAZ, de imagens que marcaram esse brincar e a busca de amostras de outros brinquedos dessa diversidade cultural que é o nosso planeta. A integração com o outro é extremamente necessária.

Referências bibliográficas

MATURANA, Humberto R., **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia**/Humberto R. Maturana, Gerda Verden-Zoller. São Paulo: Palas Athena, 2004.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 3ª edição. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

BAUMAN, Zygmunt, 1925. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

SABERES E FAZERES, v.3: **modos de interagir**. Coordenação do projeto Ana Paula Brandão. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. A Cor da Cultura.

COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

ARIÈS, Philippe. **A criança e a vida familiar no Antigo Regime**. Lisboa, 1988.

DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. São Paulo. Contexto, 1999.

OLIVEIRA, Vera Barros de. **Brincar com o outro: caminho de saúde e bem-estar**./Vera Barros de Oliveira, Maria Borja i Solé, Tania Ramos Fortuna. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BORBA, Ângela M. **O brincar como um modo de ser e estar no mundo**. In: BRASIL, MEC/SEB Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/ organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Rangel, Aricélia Ribeiro do Nascimento – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**, São Paulo, Paz e Terra, 1997.

FORTUNA, T.R. **Sala de aula é lugar de brincar?** In: XAVIER, M.L.M. e DALLAZEN, M.I.H. (org.) **Planejamento em destaque: análises menos convencionais**. Porto Alegre: Mediação, 200.

SILVA, Aracy Lopes da; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva; NUNES, Angela (orgs.). **Crianças Indígenas. Ensaios Antropológicos**. FAPESP. Global Editora. São Paulo, 2002.

Estatuto da Comunidade Morada da Paz. (2003)

<https://moradadapaz.wordpress.com/>

Algumas considerações são apontadas no texto por serem as mais comuns apresentadas em trabalhos acadêmicos e não são, necessariamente, regras estabelecidas pela ABNT.

Texto publicado em: <http://viacarreira.com/regras-da-abnt-para-tcc-conheca-principais-normas/>

Autora: Isabella Moretti

LEITE, Josieli Almeida de Oliveira. **DESAFIOS NA PESQUISA ETNOGRÁFICA COM CRIANÇAS**. UFJF. Artigo disponível: <http://www.estudosdacrianca.com.br/>

Textos do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento - CPCD de Tião Rocha disponível em A Pedagogia da Roda <http://transnet.ning.com>

ÌDÒWÚ, Gideon Babalolá. **Uma abordagem Moderna ao Yorùbá (Nagô)**. Gramática-Exercício-Minidicionário. 2ª edição. Porto Alegre. Edição do Autor. 2011.

BOAVENTURA, Edivaldo M. & SILVA, Ana Célia da. (orgs.) **A Força que Anima**. Salvador: s.e, 2004.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o Dono do Corpo**. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

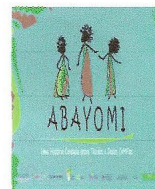
FILHO, Gregório. 2002.

ANEXOS

Registros imagéticos de eventos, publicações e projetos desenvolvidos na Comunidade Morada da Paz.

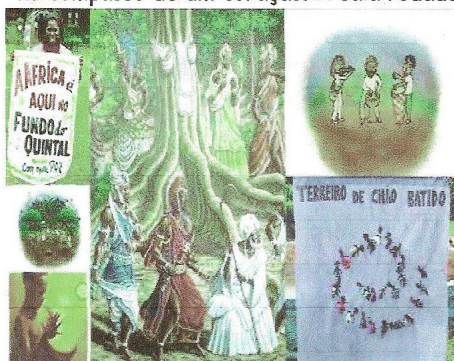


Comunidade Morada da Paz - COMPaz Kilombola Ecológica Espiritual Convida para



IV TERREIRO DE CHÃO BATIDO

Primeiro, é o chamado da boca no ouvido. E, vem quem sente ecoá-lo no OKAN-coração. O tambor expressa a força do encontro entre Orun e Ayie -NHANDERU-PATCHAMAMA (o Céu e a Terra) escutando o batuque no compasso de um coração. A saia rodada gira. A roda canta e bate palmas saudando com devoção e encantamento o anúncio de REencontros.



Segundo, e assim vai tomando forma - Pessoas e Eboras (ANJOS-ORISHAS) - celebram em unidade e gratidão seus saberes e fazeres no TERREIRO DE CHÃO BATIDO.

UM momento que todos nós somos fortes em nossa diversidade (Povo Negro-Povo

Indígena e todos os outros povos que atenderem o chamado do coração) - somos Muntu (Humanidade). É como "o *semba do mundo calunga batendo samba em meu peito...*" Kawo Kabiecile! Kawo! Okê arô, oke!!!

Ayian nos ensinou a bater seu tambor e assim reverenciar. Teimar por contar uma história que ninguém quer contar, teimar por mostrar para os olhos o que muita gente não quer ver.

É no TERREIRO DE CHÃO BATIDO, meu-teu-nosso ILE, que celebramos nossa ancestralidade na comida, na alegria, nas danças e cantos.

"Da dor que ainda carregAMOS de Áfricas tão distante; o balanço



DENISE YAŚODĂ FREITAS DORNELLES

SERVIÇO SOCIAL

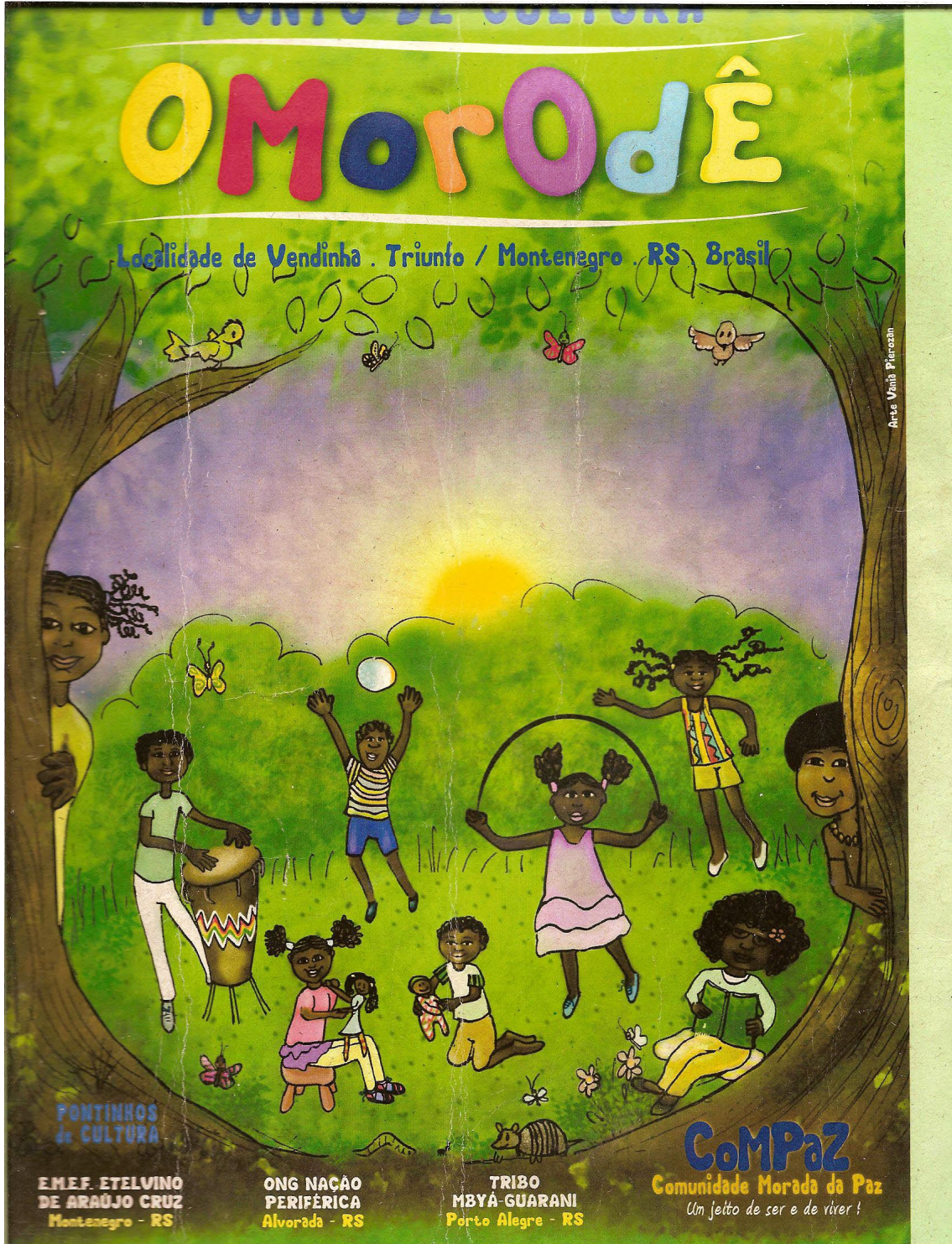
**A prática do assistente social em
uma comunidade sustentável:
Desafios para a
sociedade contemporânea**

 BLUCHER
ACADÊMICO



OMORODÊ

Localidade de Vendinha - Triunfo / Montenegro - RS - Brasil



PONTINHOS
de CULTURA

EMEF. ETELVINO
DE ARAUJO CRUZ
Montenegro - RS

ONG NAÇÃO
PERIFÉRICA
Alvorada - RS

TRIBO
MBYÁ-GUARANI
Porto Alegre - RS

CoMPaZ
Comunidade Morada da Paz
Um jeito de ser e de viver!



Shanti Rocha Teixeira
Kelly Rocha David

A Menina Pequena em sua Missão no Cerrado

Júlia Guerra
ilustrações



2º Ipade da Juventude



CÍRCULOS DE CONVERSA, OFICINAS, VIVÊNCIAS

Pintura mural / Composição musical e maracatu / Bioconstrução de forno de barro / Criação de audiovisual

13, 14 e 15 de fevereiro de 2015

na Comunidade Morada da Paz - Br 116 - Km 409 - Trifunfo - RS

Realização:

CoMPaZ
Comunidade Morada da Paz

POSTO DE CULTURA
OMorOde
Linha e Saúde Três - Parque 99 - São

PATLARES
FUNDAÇÃO CULTURAL

Patrocínio:

Apoio e Parceiros:

Rede de
Educatôres
CaMPaz

Instituto
TERRA PURA
CaMPaz

RESOL
REDE DE EDUCADORES OLIMPÍO-COMUNAL

Colônia de férias Curumim O-madê 14/02 a 17/02/2013



A comunidade Morada da Paz convida para o 5º ano da COLÔNIA DE FÉRIAS! Serão 4 dias de pura alegria de brincadeiras que resgatem valores de cooperação e fortalece princípios de solidariedade e zelo com a Mão Natureza.

INFORMAÇÕES DE COMO PARTICIPAR pelos CONTATOS:

(51) 8566-2494 ou 8205-0750

www.comunidadeMoradaDaPaz.org.br

E-mail: moradadapaz@gmail.com

